

# MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio  
Porto Alegre, terça-feira, 31 de outubro de 2023

4ª edição  
Região da Serra  
Região das Hortênsias  
Campos de Cima da Serra  
Paranhana e Encosta da Serra  
Vale do Caí

**FIERGS**

RANDONCORP/DIVULGAÇÃO/JC



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**  
O futuro nos une.



**CREA-RS**  
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul



## Inovação impulsiona a indústria e abre mercados no exterior

Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí sediam polos metalmeccânico, de móveis e alimentos, com exportações para o mundo



## Carta do editor

## Indicadores para uma visão de futuro no RS



**Guilherme Kolling**  
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O Mapa Econômico do Rio Grande do Sul é um projeto ambicioso, considerando a riqueza e a diversidade da economia do Estado. Mas também é um desafio a que nos propusemos nos 90 anos do Jornal do Comércio porque está em linha com o nosso trabalho do dia a dia.

Como diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul, ao publicar matérias sobre novos negócios e empreendimentos, o Jornal do Comércio está, de certa forma, fazendo um raio-X da economia gaúcha a cada edição.

Em uma dimensão maior, ao longo do ano, publicamos conteúdos especiais sobre setores da economia gaúcha, aprofundando temas e revelando tendências.

O caráter de formulação está em apresentar informações novas ao grande público, permitindo pensar e projetar o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

Isso é possível através de um trabalho de jornalismo de dados, em que juntamos e analisamos informações, em alguns casos publicadas ao longo do tempo isoladamente. A partir dessa “visão da floresta”, de conjunto dos dados, conseguimos trazer novas informações.

Um exemplo é a pesquisa Marcas de Quem Decide, que revela anualmente a preferência e a lembrança de marcas em 75 setores da economia gaúcha, há 25 anos. A evolução desse mapeamento de marcas permite ver as transformações no mercado ao longo do tempo.

Outro exemplo desse trabalho de dados é o nosso Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul. Ele começa no dia a dia, já que, em quase todas as suas edições, o Jornal do Comércio publica informações de novos empreendimentos em solo gaúcho: uma rede de varejo que abre novas unidades, uma indústria que expande a produção, uma estrada que é ampliada, um parque eólico que é instalado.

Olhando essas notícias de

Esse é o quarto especial da série Mapa Econômico do RS, contando sempre com a contribuição de lideranças locais

forma pontual, no dia, trata-se apenas de mais um dado, a iniciativa de uma empresa, de uma prefeitura, de um governo, de uma cooperativa... Evidentemente, tem seu valor para o setor e para o momento em que acontece.

Agora, quando reunimos todos os dados, todas as notícias de investimentos realizados em um determinado lugar, no nosso caso, em solo gaúcho, temos um panorama completo dos aportes feitos. E aí trazemos um indicador novo, que é a soma dos investimentos no Rio Grande do Sul anunciados ou realizados ao longo de um ano.

Em 2022, por exemplo, na quinta edição do Anuário de Investimentos do Rio Grande do Sul, mapeamos 300 aportes anunciados ou realizados no Estado, pela iniciativa privada ou pelo poder público. E identificamos a cifra total de R\$ 62 bilhões de investimentos no Rio Grande do Sul.

Trata-se de um indicador, que pode ser comparado com os anos anteriores, já que o Anuário já teve cinco edições. E também pode ser analisado regionalmente – quanto cada região recebeu de investimentos.

Esses casos ilustram a importância estratégica de informações e indicadores para nortear decisões e saber onde estamos e para onde vamos.

De uma certa forma, é o objetivo desse projeto Mapa

Econômico do Rio Grande do Sul. Trazer novos indicadores, tão importantes para uma visão de futuro. Identificar oportunidades e ver os desafios.

E como estamos fazendo esse mapeamento? Esse projeto é pensado desde o ano passado e foi implementado no início deste ano, com entrevistas de empresários e economistas, análise de dados, consulta a relatórios de entidades empresariais e de órgãos públicos, tudo isso para fazer um mapa da economia do Rio Grande do Sul.

Além disso, estamos realizando encontros regionais para ouvir as lideranças locais dos mais diferentes setores, sobre desafios e oportunidades para o desenvolvimento econômico. Desta forma, descobrimos as demandas locais para que o Estado possa crescer.

Dividimos o Rio Grande do Sul em cinco grandes regiões, reunidas conforme semelhanças e proximidade geográfica:

- 1 Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste;
- 2 Regiões Central, Vales, Jacuí Centro e Alto Jacuí;
- 3 Regiões Norte, Noroeste e Missões;
- 4 Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí;
- 5 Região Metropolitana, Litoral e Vale do Sinos.

Nos quatro eventos até aqui realizados – em Pelotas, em 23 de junho; em Santa Cruz do Sul em 3 de agosto;

em Passo Fundo no dia 13 de setembro; e em Caxias do Sul, em 24 de outubro – ficou evidente a importante contribuição de lideranças regionais para apontar os caminhos do desenvolvimento econômico.

Em 20 de novembro, será realizado o último evento regional, em Porto Alegre. A cada edição, além do painel regional, publicamos um caderno como este, que circula hoje no JC, com o detalhamento das cadeias produtivas e da economia dessas regiões.

Esse é o quarto conteúdo especial da série, com um mapa das principais atividades das regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vale do Paranhana e Enconsta da Serra, e Vale do Caí.

É uma parte do Rio Grande do Sul muito industrializada – com polos metalmeccânico, moveleiro, calçadista, de alimentos e bebidas – e que investe forte em inovação. Tem ainda relevância na pauta de exportações, além de sediar o principal polo turístico do Estado. E abriga muitas outras potencialidades, como mostraremos ao longo desse especial.

Finalmente, cabe observar que a economia está sempre em transformação, o que permite projetar que esse trabalho do Mapa Econômico seguirá ao longo dos anos, mostrando as mudanças nas regiões e, de forma comparativa, trazendo tendências e indicadores.

Boa leitura!

## EXPEDIENTE

## ■ Editor-Chefe:

Guilherme Kolling  
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

## ■ Editor-executivo:

Mauro Belo Schneider  
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

## ■ Editora de Economia:

Fernanda Crancio  
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

## ■ Reportagem:

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

## ■ Projeto gráfico e diagramação:

Luís Gustavo Van Ondheusden

## ÍNDICE

Indicadores para uma visão de futuro do RS	página 2	Novo Polo Químico no Vale do Caí	página 15
A divisão do Estado em cinco regiões	página 4	Polo moveleiro inova para ganhar o mundo	página 16
Dados sobre a população e o PIB	páginas 6 e 7	Vale do Paranhana e a criação calçadista	página 17
Serra Gaúcha aposta em inovação	página 8	Vinhos têm Indicação de Procedência	página 18
Multinacionais exportam tecnologia da Serra	página 9	O chocolate artesanal de Gramado	página 19
Setor metalmeccânico abrange vários municípios	página 10	Vacaria é referência na produção de maçãs	página 20
Com indústria forte, varejo também prospera	página 11	Veranópolis é pioneira na produção de biodiesel	página 21
Um mapa de oportunidades	páginas 12 e 13	O turismo na Região das Hortênsias	página 22
Ecossistema de inovação e uso do grafeno	páginas 14	Desafios logísticos para o desenvolvimento	página 23

# GOVERNO DO ESTADO INVESTE NO DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES SERRA, CAMPOS DE CIMA DA SERRA, HORTÊNSIAS, VALE DO CAÍ E VALE DO PARANHANA / ENCOSTA DA SERRA.

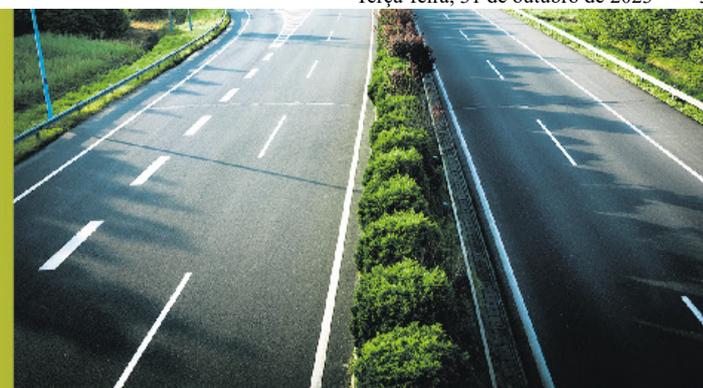
O governo do Estado marca sua presença no Mapa Econômico do Rio Grande do Sul.

**Com recursos que chegam a um total de mais de R\$ 1 bilhão,** diversos municípios recebem investimentos, garantindo à população que suas necessidades sejam atendidas e fazendo a economia girar.



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO GRANDE DO SUL**

O futuro nos une.



## Reportagem Especial

## A divisão do Estado em 5 grandes regiões

## Mapa Econômico do RS segue critério da Secretaria de Planejamento do Estado

Eduardo Torres  
eduardo.torres@jcrs.com.br

A radiografia regionalizada da economia do Rio Grande do Sul é instrumento permanente para pesquisadores, economistas, governos e potenciais investidores.

Ao completar 90 anos de circulação, o Jornal do Comércio está elaborando um mapeamento da economia do Estado em cinco especiais com grandes reportagens.

O quarto, nesta edição, aborda as regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vale do Paranhana e Encosta da Serra, e Vale do Caí.

As características geográficas, culturais e históricas do Rio Grande do Sul não são uniformes. Por isso, pensar a economia do Estado exige identificar os vários territórios entre os 497 municípios gaúchos, com seus 21,7 mil quilômetros quadrados.

Além disso, radiografar a economia do Rio Grande do

Sul de maneira regionalizada, para que se possa compreender cada característica e potencial local, é uma tarefa permanente.

“O Estado tem, entre as suas atividades econômicas, muitas especialidades bastante distintas entre si. Tratar a análise econômica e todo o planejamento de forma regional é a maneira mais adequada de levarmos em consideração, por exemplo, as vocações locais, que respeitam fatores históricos, climáticos e ambientais, como fluxos populacionais específicos, que condicionam a forma como se deu o desenvolvimento de uma determinada região, e qual a tendência futura”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística (DEE), Rodrigo Feix.

Compreender estas nuances é essencial na

elaboração de políticas de desenvolvimento pelo governo, mas também elemento fundamental para a iniciativa privada em busca de maior eficiência em potenciais investimentos no Rio Grande do Sul.

Em cada região analisada, o mapeamento trará características locais e potencialidades de indústria, agricultura, serviços, varejo e investimentos em infraestrutura. Serão apresentadas as principais iniciativas em cada um destes setores.

Para a divisão de regiões, foi adotado o critério estabelecido

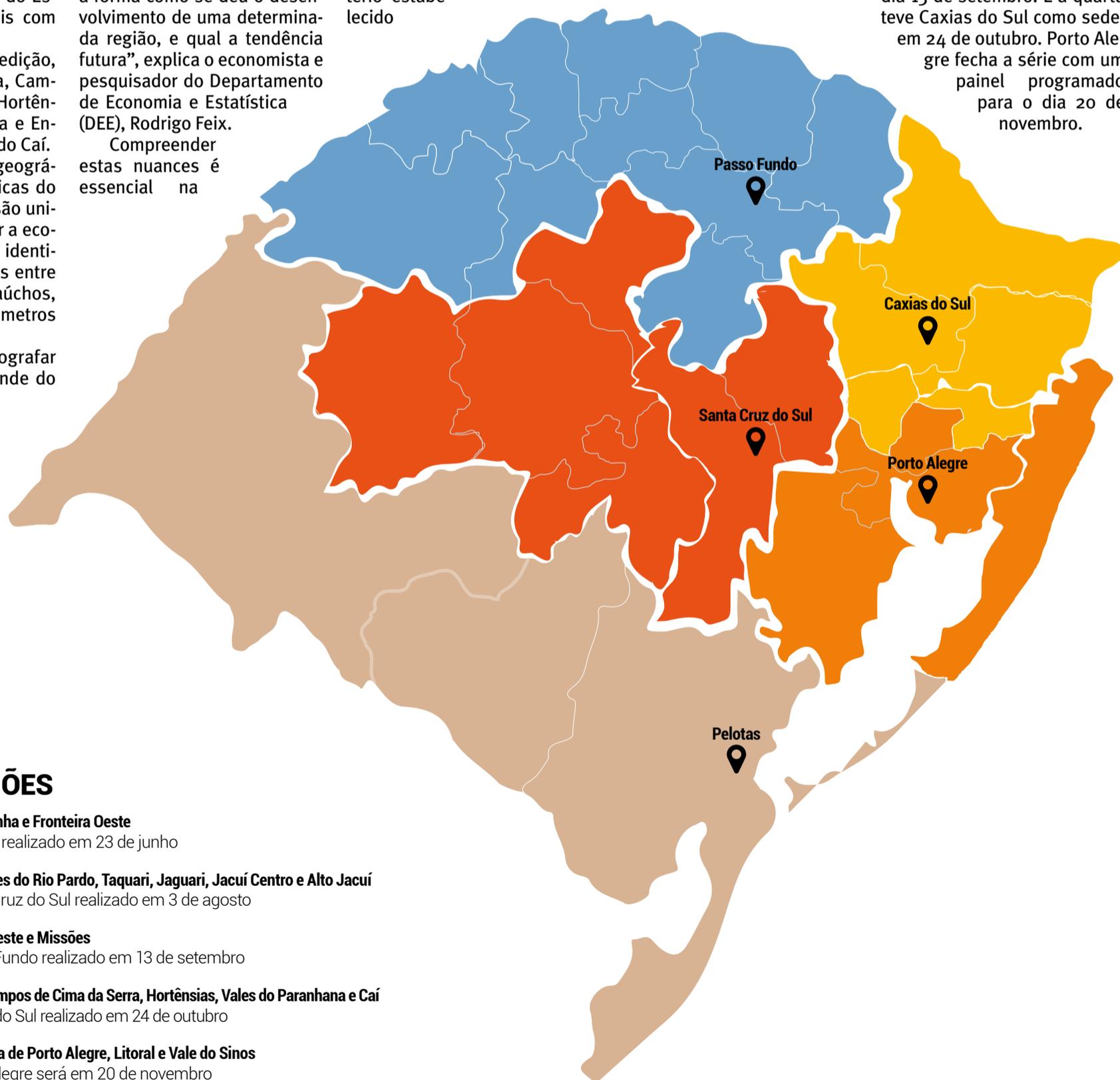
pela Secretaria do Planejamento do Estado, que divide o Rio Grande do Sul em nove regiões funcionais. Elas foram agrupadas em cinco regiões, de acordo com afinidades e proximidade geográfica.

Para o economista Rodrigo Feix, esta forma de organização considera a regionalização “de baixo para cima”, e permite uma melhor percepção das diferenças locais, muitas vezes não perceptíveis a um olhar distante, na economia gaúcha.

“Muitas vezes um movimento leva algum tempo a mais para ser percebido

por um mapeamento, por isso, quando se trata da análise regional, cruzamos diversos aspectos, com tempo de resposta às ações governamentais ou privadas mais curtos ou longos em nossas análises”, explica.

Cada capítulo deste trabalho será acompanhado de painéis regionais, em que lideranças dos diversos setores são ouvidas para apontar rumos e desafios. O primeiro encontro ocorreu em 23 de junho, em Pelotas. A segunda edição foi realizada em Santa Cruz do Sul, no dia 3 de agosto. A terceira aconteceu em Passo Fundo, no dia 13 de setembro. E a quarta teve Caxias do Sul como sede, em 24 de outubro. Porto Alegre fecha a série com um painel programado para o dia 20 de novembro.



## AS CINCO REGIÕES

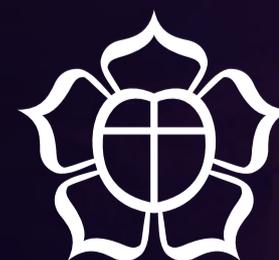
- **Regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste**  
Evento em Pelotas realizado em 23 de junho
- **Regiões Central, Vales do Rio Pardo, Taquari, Jaguari, Jacuí Centro e Alto Jacuí**  
Evento em Santa Cruz do Sul realizado em 3 de agosto
- **Regiões Norte, Noroeste e Missões**  
Evento em Passo Fundo realizado em 13 de setembro
- **Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí**  
Evento em Caxias do Sul realizado em 24 de outubro
- **Região Metropolitana de Porto Alegre, Litoral e Vale do Sinos**  
Evento em Porto Alegre será em 20 de novembro

# Rede **ULBRA** de Educação

Estude ainda em 2023 na Ulbra  
Presencial | Híbrido | EAD

- ⇒ Modelo transformador de aprendizagem.
- ⇒ Inserção do aluno na **prática profissional** desde o primeiro ano.
- ⇒ Convênios com **+ 50 empresas estrangeiras**.
- ⇒ Programas de estágios e **desenvolvimento de carreiras**.

Saiba mais:  
**ulbra.br**



# População da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí

## As 10 maiores populações municipais nas 5 regiões

Município	População atual	População em 2010
1. Caxias do Sul	463.338	435.551
2. Bento Gonçalves	123.151	104.659
3. Farroupilha	69.885	63.675
4. Vacaria	64.187	61.342
5. Montenegro	63.624	59.415
6. Taquara	53.242	54.590
7. Parobé	52.058	51.275
8. Canela	48.946	39.227
9. Gramado	40.134	32.290
10. Garibaldi	34.335	30.679

## Campos de Cima da Serra

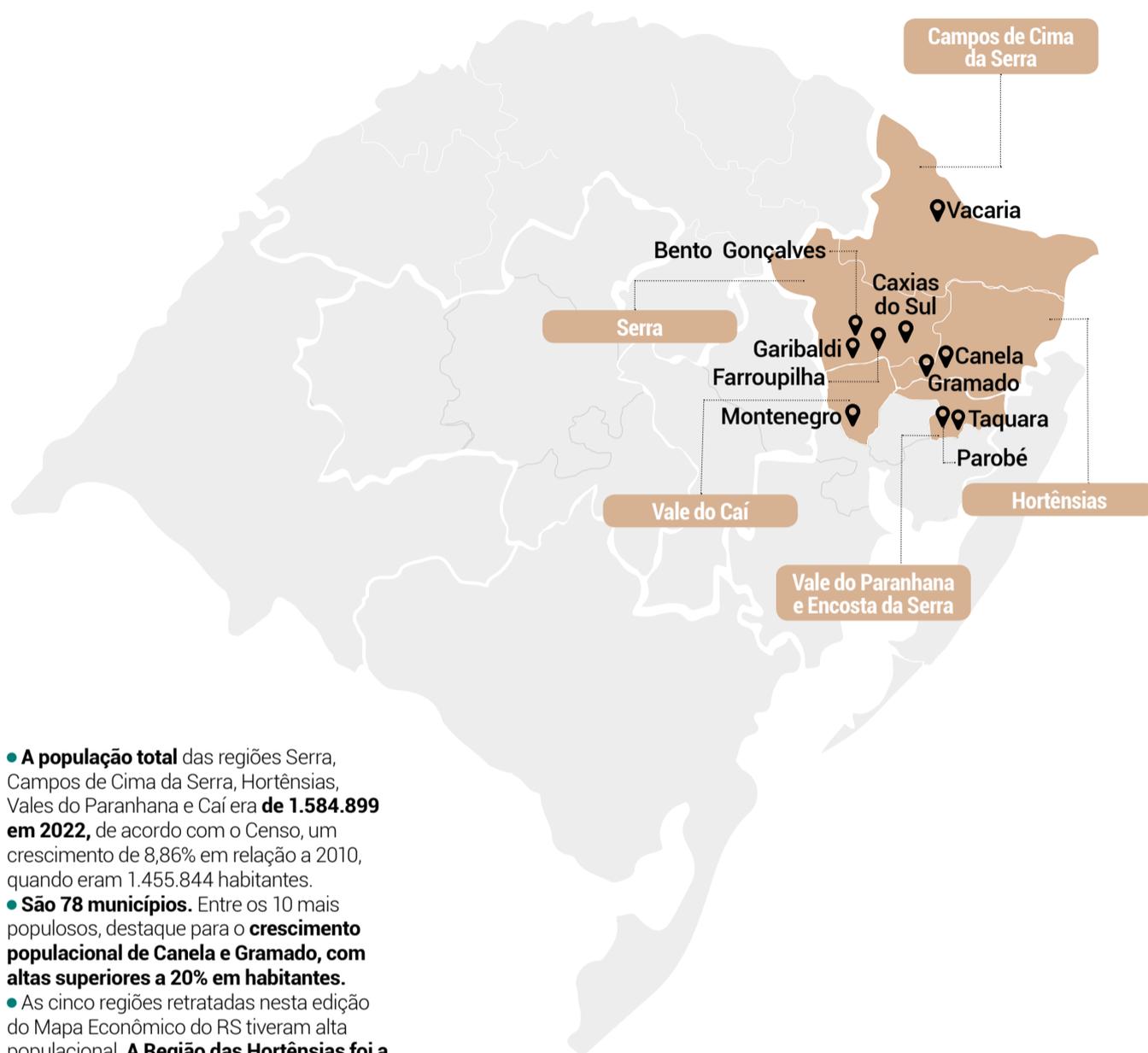
100.765 habitantes  
(em 2010 eram 98.020, alta de 2,8%)

Município	População atual	População em 2010
Vacaria	64.187	61.342
Bom Jesus	11.202	11.519
Ipê	5.325	6.018
São José dos Ausentes	4.172	3.290
Campestre da Serra	3.242	3.247
Esmeralda	3.195	3.168
Monte Alegre dos Campos	3.180	3102
Muitos Capões	2.879	2.988
Pinhal da Serra	2.248	2.130
André da Rocha	1.135	1.216

## Região da Serra

939.680 habitantes  
(em 2010 eram 862.377, alta de 8,96%)

Município	População atual	População em 2010
Caxias do Sul	463.338	435.551
Bento Gonçalves	123.151	104.659
Farroupilha	69.885	63.675
Garibaldi	34.335	30.679
Flores da Cunha	30.892	27.139
Carlos Barbosa	30.418	25.162
Nova Prata	25.692	22.830
Guaporé	25.268	22.814
Veranópolis	24.021	22.810
São Marcos	21.084	20.103
Serafina Corrêa	16.961	14.253
Antônio Prado	12.980	12.831
Nova Bassano	9.649	8.840
Paráí	7.194	6.812
Nova Araçá	4.954	4.001
Cotiporã	3.846	3.917
Vila Flores	3.646	3.207
Nova Roma do Sul	3.466	3.343
São Jorge	2.912	2.848
Boa Vista do Sul	2.779	2.776
Pinto Bandeira	2.723	2.609
Fagundes Varela	2.566	2.579
Monte Belo do Sul	2.557	2.668
Nova Pádua	2.343	2.450
São Valentim do Sul	2.207	2.168
Protásio Alves	2.025	2.000
Coronel Pilar	1.607	1.725
Vista Alegre do Prata	1.590	1.569
Santa Tereza	1.505	1.732
Montauri	1.499	1.542
Guabiju	1.417	1.598
União da Serra	1.170	1.487



• A população total das regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Caí era de **1.584.899 em 2022**, de acordo com o Censo, um crescimento de 8,86% em relação a 2010, quando eram 1.455.844 habitantes.

• São **78 municípios**. Entre os 10 mais populosos, destaque para o **crescimento populacional de Canela e Gramado, com altas superiores a 20% em habitantes**.

• As cinco regiões retratadas nesta edição do Mapa Econômico do RS tiveram alta populacional. **A Região das Hortênsias foi a que mais cresceu** proporcionalmente (17,7%).

## Região das Hortênsias

149.552 habitantes  
(em 2010 eram 126.965, alta de 17,7%)

Município	População atual	População em 2010
Canela	48.946	39.227
Gramado	40.134	32.290
Nova Petrópolis	23.177	19.040
São Francisco de Paula	21.893	20.551
Cambará do Sul	6.361	6.542
Picada Café	5.351	5.138
Jaquirana	3.690	4.177

## Vale do Paranhana e Encosta da Serra

209.949 habitantes  
(em 2010 eram 204.850, alta de 2,4%)

Município	População atual	População em 2010
Taquara	53.242	54.590
Parobé	52.058	51.275
Igrejinha	32.808	31.899
Três Coroas	24.425	23.812
Rolante	21.253	19.448
Santa Maria do Herval	6.340	6.063
Lindolfo Collor	6.244	5.227
Morro Reuter	6.029	5.722
Riozinho	4.473	4.330
Presidente Lucena	3.077	2.484

## Vale do Caí

184.953 habitantes  
(em 2010 eram 169.632, alta de 9,03%)

Município	População atual	População em 2010
Montenegro	63.624	59.415
São Sebastião do Caí	24.428	23.134
Feliz	13.764	12.359
Bom Princípio	13.132	11.789
Capela de Santana	11.159	10.462
Salvador do Sul	6.879	6.747
Barão	6.461	5.735
Vale Real	6.058	5.118
Harmonia	5.378	4.259
Tupandi	5.029	3.924
Brochier	4.966	4.675
São José do Hortêncio	4.447	4.094
Pareci Novo	4.319	3.530
São Pedro da Serra	3.548	3.316
Alto Feliz	3.072	2.891
Maratá	2.470	2.527
São José do Sul	2.285	2.058
São Vendelino	2.251	1.975
Linha Nova	1.683	1.624



## Dados sobre o Valor Adicionado Bruto (VAB)

O perfil econômico das regiões é traduzido pelo Valor Adicionado Bruto (VAB), que mostra o quanto cada setor contribui dentro do que é produzido.

### VAB Industrial:

Caxias do Sul é o motor da economia da Serra. O município centraliza o maior polo metalmeccânico e automotivo do Rio Grande do Sul, que responde por 52,8% da arrecadação de ICMS industrial da cidade. O município tem o segundo maior PIB gaúcho e o maior VAB Industrial da região e do Estado.

### VAB Industrial - 10 municípios líderes

Caxias do Sul	<b>R\$ 7 bilhões</b>
Bento Gonçalves	<b>R\$ 2 bilhões</b>
Carlos Barbosa	<b>R\$ 1,4 bilhão</b>
Montenegro	<b>R\$ 1,3 bilhão</b>
Farroupilha	<b>R\$ 1 bilhão</b>
Garibaldi	<b>R\$ 852,5 milhões</b>
Igrejinha	<b>R\$ 740,8 milhões</b>
Flores da Cunha	<b>R\$ 709,9 milhões</b>
Veranópolis	<b>R\$ 653,8 milhões</b>
Nova Prata	<b>R\$ 396,7 milhões</b>

### VAB Serviços:

Referência econômica da Serra, Caxias do Sul tem também o maior VAB de Serviços nas 5 regiões deste recorte do Mapa Econômico do RS. É apontado como melhor município para se empreender em inovação no Rio Grande do Sul. O ambiente propício a novos negócios resulta hoje em 86 mil CNPJs ativos, sendo 90% de micro a médias empresas. Gigantes do varejo, como postos e distribuidoras de combustíveis, têm na cidade ambiente favorável.

### VAB Serviços – 10 municípios líderes

Caxias do Sul	<b>R\$ 15 bilhões</b>
Bento Gonçalves	<b>R\$ 3,4 bilhões</b>
Montenegro	<b>R\$ 1,9 bilhão</b>
Farroupilha	<b>R\$ 1,8 bilhão</b>
Gramado	<b>R\$ 1,5 bilhão</b>
Vacaria	<b>R\$ 1,5 bilhão</b>
Taquara	<b>R\$ 1 bilhão</b>
Garibaldi	<b>R\$ 961,8 milhões</b>
Carlos Barbosa	<b>R\$ 904,1 milhões</b>
Canela	<b>R\$ 874,1 milhões</b>

### VAB Agrícola:

Município que é referência no Estado e no País na produção de maçãs, Vacaria não limita a sua produção agrícola à fruta. O município também tem destaque nas produções de milho e feijão e, ao lado de Muitos Capões, é a última fronteira da soja nos Campos de Cima da Serra. O VAB Agrícola do município, que tem 90% das suas exportações na produção de maçãs, também está entre os principais do Rio Grande do Sul.

### VAB Agrícola – 10 municípios líderes

Vacaria	<b>R\$ 479,5 milhões</b>
Muitos Capões	<b>R\$ 382,9 milhões</b>
São Francisco de Paula	<b>R\$ 341 milhões</b>
Caxias do Sul	<b>R\$ 235,5 milhões</b>
Farroupilha	<b>R\$ 153,2 milhões</b>
Bom Jesus	<b>R\$ 152,7 milhões</b>
Flores da Cunha	<b>R\$ 113,4 milhões</b>
Esmeralda	<b>R\$ 111,5 milhões</b>
Bento Gonçalves	<b>R\$ 94,3 milhões</b>
Ipê	<b>R\$ 74,8 milhões</b>

## Reportagem Especial

# Empresas da Serra Gaúcha apostam em inovação

## Fabricação de veículos elétricos já é realidade em Caxias do Sul

Eduardo Torres

É questão de tempo para que o transporte público das grandes cidades tenha os ônibus elétricos como solução mais sustentável para reduzir o impacto ao meio ambiente. Os primeiros 30 veículos com chassis 100% nacionais e motores exclusivamente elétricos já rodam em testes em algumas cidades brasileiras. Até o final do ano, outros 100 modelos do chamado Attivi Integral devem sair da indústria da Marcopolo, em Caxias do Sul.

Também não está longe da realidade caminhões rodando nas estradas brasileiras de maneira mais econômica, limpa e eficiente. Até o final do ano, a Randoncorp pretende ter 50 carretas 100% elétricas no mercado.

Ambos os projetos têm destino comum, e, principalmente, origens semelhantes, dentro das unidades de inovação de duas das principais indústrias da Serra Gaúcha. O chamado “chão de fábrica”, no processo de internacionalização que acontece entre os principais polos produtivos das regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias e Vales do Caí e Paranhana, virou palco para o pioneirismo em tecnologia.

O faro para compreender as necessidades do mercado com velocidade para responder às demandas é uma característica

comum aos setores metalmeccânico, calçadista, moveleiro, de alimentos e até do turístico, que prosperam neste recorte do Mapa Econômico do RS.

Para que se tenha uma ideia, nos últimos 10 anos, as regiões foram destino de R\$ 2,2 bilhões em investimentos do BRDE – 22% dos R\$ 9,9 bilhões aportados no período no Estado. Destes recursos, R\$ 767,4 milhões (81% na Serra) foram para projetos da indústria da transformação, sobretudo, em linhas de financiamento para a inovação.

E quem inova, com a velocidade que se observa nessas regiões, parte da liderança em seus setores no mercado nacional às exportações, e avança para a instalação em terras estrangeiras. Tornam-se multinacionais sem desfazer a raiz em solo gaúcho.

As regiões concentram, por exemplo, 10 entre os 50 maiores municípios exportadores gaúchos, entre janeiro e setembro deste ano, conforme o Ministério da Indústria e Comércio Exterior. Não à toa, empresas como Randoncorp, Tramontina e Marcopolo, todas da Serra e com operações fora do Brasil, lideram o levantamento do Marcas de Quem Decide, organizado pelo Jornal do Comércio.

“A permanência de grandes empresas que hoje são multinacionais se justifica pelo ambiente criado ao longo da história, e sempre renovado a partir de práticas que parecem simples no dia a dia. Outro dia, um grande empresário da cidade

contou que surgiu a necessidade de uma cola específica para as suas operações. Imediatamente, ele acionou todo o ecossistema que há na cidade e na região, e em duas horas apareceu uma solução. Em qual outro lugar isso seria possível? Está no DNA da nossa produção”, diz o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico de Caxias do Sul, Elvío Gianni.

Foi assim em 1950, quando foi apresentado ao Senai o desafio de iluminar a Festa da Uva. Surgia ali a Intral, hoje a única fabricante de drivers para a iluminação com produção 100% nacional no Brasil. Da fábrica em Caxias do Sul, onde trabalham 273 pessoas, saem diariamente 8 mil drivers, destinados, em 95% dos casos, ao mercado nacional. Mas a empresa exporta para mais de 10 países.

“Hoje, temos a capacidade de suprir a demanda deste produto em todo o mercado nacional. Nosso esforço tem sido o de mostrar para o consumidor a importância de valorizar esta produção brasileira. Além disso, temos um potencial muito grande para a exportação, e por isso estamos investindo anualmente na renovação e estruturação do parque fabril”, diz o CEO da empresa, Rodrigo Fantinel.

Somente no ano passado, o setor industrial de equipamentos elétricos respondeu por quase R\$ 80 milhões em arrecadação de ICMS ao município. Desde o começo de 2022, a Intral investe R\$ 18 milhões em expansão.

## Caxias do Sul é o motor de desenvolvimento regional

Aportar recursos para seguir acelerando a economia local é quase uma obrigação em Caxias do Sul, que é, literalmente, o motor do desenvolvimento regional.

Com PIB de R\$ 25,9 bilhões registrado em 2020, a cidade é a segunda no ranking dos municípios do Estado, e tem o maior Valor Adicionado Bruto (VAB) Industrial não apenas da região, mas de todo o Rio Grande do Sul.

Dados da Secretaria da

Fazenda apontam que, em 2021, havia 3,3 mil indústrias em Caxias do Sul – é um terço do total de indústrias na Serra –, e mais da metade delas são dos setores metalmeccânico e automotivo.

Em 2022, do total de R\$ 1,7 bilhão arrecadados pelo município em ICMS industrial, R\$ 897,6 milhões – 52,8% do total – foram provenientes deste setor. Não à toa, Caxias do Sul é o segundo maior polo metalmeccânico do País, com

uma característica própria, como descreve o economista e pesquisador do Departamento Estadual de Economia (DEE), Rodrigo Feix. “A crise econômica de 2014 atingiu com muita força o setor metalmeccânico da Serra. Eles foram forçados a se adaptar, e esse processo acabou acelerando a internacionalização dessas empresas, com toda a demanda que o cenário internacional exigia. Hoje, elas se consolidam em um novo patamar.”

Reportagem Especial

# Multinacionais gaúchas exportam tecnologia

Com 13 mil funcionários pelo mundo, Marcopolo produz ônibus elétricos em planta no Rio Grande do Sul

Com uma receita líquida de R\$ 5,4 bilhões em 2022 e a liderança nacional no mercado de ônibus e micro-ônibus, a Marcopolo emprega hoje 7 mil pessoas entre duas fábricas em Caxias do Sul – além da recém inaugurada unidade de componentes, em Farroupilha.

Ao todo, são 13 mil funcionários entre as 11 unidades, que incluem o Espírito Santo e seis países – Argentina, Colômbia, México, China, Austrália e África do Sul. Foi da fábrica no distrito de Ana Rech, em Caxias do Sul, que saiu o Attivi Integral, ônibus elétrico lançado em meados do ano passado.

“A inovação é uma das nossas principais fontes de novos

negócios. As áreas de desenvolvimento da engenharia, assim como da Marcopolo Next, que é uma das frentes de negócios do grupo, com a responsabilidade de acelerar processos, são grandes responsáveis pelo fortalecimento da empresa no cenário internacional. Hoje, temos em torno de 700 ônibus elétricos e híbridos circulando no mundo, mas com chassis de parceiros, desenvolvidos em conjunto. Nosso desafio era criarmos a tecnologia 100% nacional, que agora é realidade”, explica o CEO da empresa, André Armaganijan.

Segundo ele, a produção das primeiras unidades do Attivi seguirá nas fábricas de Caxias do Sul, mas há possibilidade de expandir para outras fábricas do grupo, conforme a demanda e a logística.

Hoje, todas as unidades da Marcopolo estão aptas à produção dos seus modelos de

veículos rodoviários, urbanos e micros. Em Caxias do Sul, ainda opera, além dos ônibus elétricos, a fabricação de veículos sobre trilhos, com a marca Marcopolo Rail.

“Estamos no mercado há 74 anos, e mesmo posicionada entre as melhores do mundo, temos muito orgulho em dizer que somos da Serra Gaúcha, pelo destaque que as indústrias desta região têm. É a partir daqui que a Marcopolo é uma referência no transporte de passageiros. Temos hoje diversos caxienses que iniciaram a carreira nas unidades da cidade e levam essa experiência para outras operações, não para ‘exportarmos’ o que temos em Caxias do Sul, mas para reforçar o que fazemos aqui, de aproximar as pessoas e promover o desenvolvimento regional, com a valorização dos trabalhadores locais”, aponta Armaganijan.



Linha de produção de ônibus em unidade instalada em Caxias do Sul

O caminho da empresa iniciou em 1949, quando Paulo Bellini e os irmãos Nicola empreenderam, criando a Nicola e Cia, uma das primeiras empresas do Brasil dedicada à fabricação de carrocerias para ônibus, inicialmente, em madeira. Com 15 funcionários, foram três meses para a entrega da primeira. Três anos depois, fabricaram a primeira estrutura metálica.

Assim como agora o pioneirismo nos veículos elétricos aponta para a Serra, naquela época a demonstração da capacidade dos empreendedores da região saíram na frente também

foi marcante. O País vivia um momento de incentivos governamentais à industrialização acelerada e à infraestrutura, especialmente de estradas. A solução vinha da Serra, e se expandiu.

Em 1961, a empresa, que ainda não se chamava Marcopolo, fez a sua primeira exportação para o Uruguai. Dez anos depois, já com o nome que faz referência ao navegador que expandiu os horizontes pelo mundo, a Marcopolo foi a primeira indústria automobilística brasileira a vender tecnologia para o exterior, para a Venezuela. Hoje, a Marcopolo exporta para mais de 100 países.



CEO da Randoncorp, Carvalho fala em tecnologia de vanguarda

## Randoncorp fabrica carreta elétrica e desenvolve materiais inteligentes

Com mais de 50 operações em 120 países, a Randoncorp iniciou atividades em 1940, com a oficina dos irmãos Raul e Hercílio Randon, em Caxias do Sul. Eles desenvolveram, no começo da década de 1950, o primeiro freio a ar do Brasil, atraindo transportadores do país inteiro. Com estes clientes, veio o desafio maior: desenvolver uma solução para o transporte de cargas. No final da década de 1950, surgiu na Randon o primeiro semirreboque. A empresa é a maior fabricante de reboques e semirreboques da América Latina, uma das 10 maiores do mundo.

“Mudamos muito nos últimos anos. Hoje, os semirreboques respondem por apenas 35% da receita. Temos dedicado muito investimento, com o objetivo de avançarmos ainda mais como uma das principais empresas do mundo, na criação de tecnologia de vanguarda a partir do Sul do Brasil. A carreta elétrica é um exemplo, mas temos trabalhado com o desenvolvimento de materiais inteligentes, nanopartículas. É algo inédito inclusive em outros continentes. Assim como na origem da empresa, a Randoncorp dedica-se à busca de soluções para o transporte

de cargas moderno”, explica o CEO Sérgio Carvalho.

Toda a base das ações da Randoncorp está na Serra. E permanecerá. “A jovialidade de uma empresa com mais de 70 anos está ligada à expertise que temos na Serra. Nossos produtos seguem sendo desenvolvidos na região”, diz o executivo.

Nos próximos cinco anos, a empresa investirá R\$ 60 milhões na nova unidade de produção para tecnologias de eletromobilidade da Suspensys – braço responsável pelos sistemas de eixos e suspensões da Randoncorp –, a Suspensys E-Mobility.

Este é o coração da produção das novas carretas elétricas, com estrutura fabril inédita na América Latina. Foram três anos de desenvolvimento desta carreta que poderá gerar economia de 25% de diesel nas rotas de transportadores, com mais velocidade e tração extra.

A Randoncorp tem 11 fábricas nas mais diversas atividades em Caxias do Sul, desde a fabricação de semirreboques até o desenvolvimento de nanopartículas para os componentes de peças na área de transporte. Em 2022, faturou R\$ 11,2 bilhões, a maior receita de sua história.



## A gente faz muito, porque faz junto.

O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul está construindo o futuro, a evolução, o desenvolvimento: da profissão, das pessoas, de um mundo melhor. E tudo isso só é possível porque é construído sempre a muitas mãos.

Acompanhe-nos nas redes sociais:

@crea.gaucho /creagaucho /creagaucho

www.crea-rs.org.br



**CREA-RS**  
Conselho Regional de Engenharia  
e Agronomia do Rio Grande do Sul

## Municípios exportadores da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí

■ **Caxias do Sul** (9º no RS entre janeiro e setembro de 2023): 46% das exportações em reboques, semirreboques, carrocerias, acessórios para automóveis, ônibus e micro-ônibus.

■ **Montenegro** (13º no RS entre jan-set): 46,4% das exportações em tratores e partes de veículos, 11% em produtos bélicos.

■ **Carlos Barbosa** (15º no RS entre jan-set): 95% das exportações em artefatos domésticos e outros produtos em metal.

■ **Nova Prata** (26º no RS entre jan-set): 78% das exportações em produtos de borracha.

■ **Bento Gonçalves** (29º no RS entre jan-set): 53% das exportações em móveis, assentos e pré-moldados; 19% em suco de uva, vinhos e produtos de padaria.

■ **Igrejinha** (31º no RS entre jan-set): 75% das exportações em calçados com solas de borracha ou plástico.

■ **Farroupilha** (33º no RS entre jan-set): 45% das exportações em artefatos de uso doméstico em metal.

■ **Garibaldi** (40º no RS entre jan-set): 47% das exportações em vinhos, vinagres, farinhas e preparações para alimentação animal.

■ **São Sebastião do Caí** (42º no RS entre jan-set): 93% das exportações em carnes, conservas e miudezas.

■ **Veranópolis** (45º no RS entre jan-set): 74% das exportações em produtos da soja.

■ **Flores da Cunha** (50º no RS entre jan-set): 25% das exportações em vinhos, sucos, vinagres, aguardente, 25% em mobiliários e 22,3% em componentes de veículos.

■ **Vacaria** (57º no RS entre jan-set): 86% das exportações em maçãs, peras e marmelos.

■ **Parobé** (68º no RS entre jan-set): 88% das exportações em calçados com solas de borracha ou plástico.

Fonte: Ministério do Comércio Exterior

## Reportagem Especial

# Força do setor metalmecânico abrange diversos municípios

## Tramontina, de Carlos Barbosa, tem capacidade de produção de 86 milhões de itens ao mês

Eduardo Torres

Carlos Barbosa, na Serra, tem população de 30,4 mil habitantes, 10% empregada entre as quatro fábricas de Tramontina no município. Uma relação que começou em 1911, quando a Tramontina era uma ferraria essencial para as necessidades daquela comunidade.

“Há uma relação direta entre a empresa e a história do município. São 36% dos funcionários com mais de 10 anos de empresa, e são muito comuns os casos de pais, mães, filhos e companheiros todos trabalhando na empresa. Ou de gerações da mesma família dentro da Tramontina”, conta a gerente de marketing corporativo da empresa, Rosane Fantinelli.

Essa relação se traduz nas contas do município. A fabricação de produtos de metal gerou arrecadação de R\$ 82,6 milhões em ICMS em Carlos Barbosa em 2022, quase 60% de toda receita com indústrias. É a produção da Tramontina que coloca Carlos Barbosa em 15º lugar entre os municípios exportadores do Rio Grande do Sul, entre janeiro e setembro deste ano. Os materiais produzidos entre as suas fábricas respondem por 95% das exportações do município.

A empresa conta com 10 mil funcionários entre 10 fábricas, com capacidade total de produção que ultrapassa 86

milhões de peças por mês – 60 milhões em Carlos Barbosa. Na Serra, há unidades ainda em Farroupilha e Garibaldi. São fabricados nas unidades de Carlos Barbosa itens de cutelaria, materiais elétricos, ferramentas para jardinagem e construção civil e equipamentos para cozinha, como pias, coifas e fornos. De Farroupilha, saem painéis e talheres, e em Garibaldi estão os segmentos industrial, automotivo, aeronáutico e de construção civil. A Tramontina conta ainda com fábricas em Encruzilhada do Sul, no Pará e em Pernambuco.

“Se lá no início, com a pequena ferraria, o foco eram os reparos para a indústria e a ferragem para cavalos, hoje nosso trabalho é oferecer soluções para o bem-estar das pessoas. A fabricação de canivetes a mão, artesanal, dá lugar à indústria 4.0, que aposta na diversificação, tecnologia e inovação. São mais de 22 mil itens distribuídos em 120 países”, diz Rosane.

É que a força do setor metalmecânico vai bem além dos limites de Caxias do Sul. Conforme o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região (Simecs), são 17 municípios que concentram 4,5 mil empresas do setor, com faturamento anual de R\$ 50 bilhões.

Em 2022, a Tramontina faturou R\$ 8,3 bilhões, e projeta crescimento de até 15% neste ano. E tem uma trajetória que precede, em muito, o boom do setor metalmecânico de Caxias do Sul.



TRAMONTINA/DIVULGAÇÃO/JC

Tramontina tem quatro fábricas no município de Carlos Barbosa

A empresa teve origem em uma pequena ferraria em 1911. Assim como na década de 1920 a empresa inovou ao desenvolver um canivete e dar início à cutelaria, agora, para ganhar cada vez mais relevância internacional, cada uma de suas unidades industriais tem um centro de pesquisa e desenvolvimento próprio.

Os resultados estão nas experiências com a aplicação da internet das coisas, como um cooktop conectado, que permite o preparo de comidas guiadas por aplicativo, ou como um organizador de ferramentas para a aeronáutica que, com o uso de inteligência artificial, identifica ferramentas e gera relatórios fundamentais para evitar acidentes. Ou ainda na nova linha de utensílios de cozinha recicláveis e fabricados com materiais reciclados.

“É a combinação de materiais reciclados com a maior responsabilidade ambiental no processo de fabricação destes produtos. No caso dos talheres e facas, os elementos de plástico são provenientes

da reutilização de resíduos, e o alumínio pode ser reutilizado diversas vezes sem perder as características. Além disso, todo o resíduo da produção da linha Lyf é reciclado internamente. O aço também é produzido a partir de fontes de energia limpa e renovável. O cuidado está também nas embalagens, que não contêm plástico. Desde 2021, nossas unidades reduziram em mais de 12,8 toneladas o uso de plástico em embalagens”, explica a gerente.

## Setor metalmecânico e automotivo na Serra Gaúcha e no Vale do Caí

- **Caxias do Sul** (Randoncorp, Marcopolo, Agrale, Madal, Intral, Guerra, Soprano)
- **Carlos Barbosa** (Tramontina)
- **Farroupilha** (Tramontina, Marcopolo, Soprano)
- **Garibaldi** (Tramontina)
- **Nova Prata** (Vipal)
- **Montenegro** (CBC, John Deere)

Fonte: Sindecs

## A recuperação de pneus em Nova Prata ganhou o mundo

Também na Serra Gaúcha, em Nova Prata, há outra multinacional com raízes locais no setor automotivo. Com uma trajetória de 50 anos, a Borrachas Vipal hoje distribui seus produtos para mais de 90 países e se consolida como uma das maiores fabricantes de produtos em borracha para pneus no mundo.

Entre as suas sete indústrias, três delas em Nova Prata,

há capacidade de processamento de 20 mil toneladas de borracha por mês. A empresa também tem unidades industriais na Bahia, em Minas Gerais, nos Estados Unidos e na Argentina.

Assim como as demais grandes indústrias da região, a origem da Vipal, com Vicencio Paludo, também esteve no tino para perceber a oportunidade que surgia.

No começo da década de 1960, ele era sócio em um posto de combustíveis e, à beira da estrada, percebeu o alto volume de pneus descartados. Comprou três máquinas para reformá-los e deu início à empresa.

Em Nova Prata, a empresa estruturou, além de um centro de pesquisas, um centro de formação técnica e um laboratório para testes de produtos.

Entre os produtos inovadores, a Vipal tem a chamada Banda Verde, que garante 10% de economia no transporte e redução dos danos ambientais.

A produção industrial da borracha garantiu, em 2022, R\$ 46,4 milhões em arrecadação de ICMS para Nova Prata, o equivalente a 46,8% de toda a arrecadação industrial do município de pouco mais de 25 mil habitantes.

## Reportagem Especial

# Com uma indústria forte, varejo também prospera na Serra Gaúcha

### Região é sede de grandes redes de lojas e de postos de combustíveis

“Onde estão as grandes indústrias e as possibilidades de investimentos, pode ter certeza que há oportunidade e haverá espaço para as pequenas empresas do varejo e serviço nascerem e prosperarem.” É assim que o empresário Neco Argenta, presidente da Rede Sim, a maior rede de postos de combustíveis e lojas de conveniência do Estado, define o cenário da Serra, dos Campos de Cima da Serra, das Hortênsias e dos Vales do Paranhana e Caí.

Ainda na década de 1980, Argenta, ao lado do irmão, em Flores da Cunha, montou um negócio, inicialmente para fornecer

produtos à indústria vinícola. Em pouco tempo, as atividades já eram das mais diversas, como ele define: sempre aproveitando oportunidades que o ambiente regional oferecia. Da frota de caminhões ao transporte de cargas e até de passageiros, uma fábrica de balas, até o primeiro posto de combustíveis, em 1993.

Até que, em 2012, já com 26 postos, ainda chamados Di Trento, as atenções do empresário voltaram-se somente a esta atividade. Em 2018, surge a Rede Sim Distribuidora, já em expansão, com a administração dos seus postos próprios e de postos como da rede Vibra, que é a maior do Brasil. Essa rede foi ampliada, com a aquisição, no ano passado, da Rede Charrua.

Somente com a bandeira Sim, são 180 postos. Se forem



Argenta é presidente da Rede Sim

considerados os postos da Charrua em toda a Região Sul, são mais 310 sob o controle do grupo, que hoje emprega 5,5 mil pessoas e projeta faturamento

de R\$ 16 bilhões em 2023 entre todas as suas atividades.

“Ao todo, o grupo conta com 10 empresas, sempre em expansão e buscando novos nichos. De combustíveis para a aviação, que passamos a atuar neste ano, até o comércio digital e um banco digital próprio, que já conta com 7 mil clientes”, diz o empresário.

A liderança no varejo é acompanhada por outro ranking importante. A Rede Sim está entre as 10 maiores distribuidoras de combustíveis do País, e é a quarta maior do Sul.

Tem também origem na Serra, a 5ª maior distribuidora de combustíveis do País. A Rodoil, com faturamento que ultrapassou R\$ 7 bilhões no ano passado, surgiu em 2006, em Caxias do Sul, e hoje atua em sete estados, com 29 bases operacionais.

### Colombo é maior rede varejista de eletrodomésticos

A tradição de partir de pequenos negócios até se consolidar como referência nacional é uma lição que não fica restrita às indústrias da região. No varejo, a Lojas Colombo, hoje a maior rede varejista de eletrodomésticos do Sul do Brasil, é exemplo. Com previsão de faturamento de R\$ 2,6 bilhões neste ano, a empresa teve início na mesma época em que o polo industrial da Serra consolidou-se.

A partir de Farroupilha, em 1959, Adelino Raymundo Colombo adquiriu um armazém, e logo percebeu uma oportunidade para a população crescente da região: não havia lojas de eletrodomésticos na cidade.

Hoje, a Lojas Colombo mantém média de crescimento anual de 10%, e emprega 4,2 mil pessoas em 304 lojas. Em 1999, foi pioneira na região nas vendas por e-commerce, que hoje somam 20% do faturamento.

**CIEE RS**

MUDANDO O FUTURO DE JOVENS TALENTOS NAS EMPRESAS E TRANSFORMANDO A SOCIEDADE.

Vontade ↔ Resultado  
Oportunidade ↔ Felicidade  
Pessoas ↔ Histórias

@ciee\_rs @cieers ciec-rs ciec-rs

www.somosconjuntos.org.br/

conjuntos

## PANORAMA

# Mapa aponta oportunidades para Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e Vale do Caí

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Conheça 14 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento econômico dessa parte do Rio Grande do Sul

## 1. O MAIOR POLO METALMECÂNICO DO RIO GRANDE DO SUL



O complexo industrial, que parte da metalurgia, passando pelo setor de máquinas e equipamentos, até as indústrias da borracha e de componentes eletrônicos, é mapeado, partindo de Caxias do Sul, segundo o Simecs, em até 17 municípios. Ao todo, são 4,5 mil indústrias com um faturamento anual médio de R\$ 50 bilhões.

## 2. SETOR MOVELEIRO REFERÊNCIA NO ESTADO



Está na Serra o principal polo fabricante de móveis do Rio Grande do Sul. A partir de Bento Gonçalves e municípios vizinhos, o Sindmóveis aponta que são 300 empresas na região, com 5,6 mil funcionários e R\$ 3,1 bilhões de faturamento no último ano. Mas a produção de alta qualidade no mobiliário, entre as regiões retratadas neste recorte do Mapa Econômico do RS vai além, e também chega ao Vale do Paranhana.

## 3. FLORESTAS PLANTADAS



A produção de móveis na Serra tem uma cadeia de fornecimento de madeira, que é essencial para essa atividade, bem estruturada na região. Conforme o Sindimadeira, 100% do material, especialmente pinus, fornecido às indústrias moveleiras vem de florestas plantadas. São Francisco de Paula, na Região das Hortênsias, por exemplo, tem a maior área de pinus plantada no Rio Grande do Sul, e a segunda maior entre todas as florestas plantadas no Estado.

## 4. O DESENVOLVIMENTO DO SETOR CALÇADISTA



Se nos últimos anos boa parte da produção calçadista migrou do Rio Grande do Sul para o Nordeste, o tempo consolidou o Estado, especialmente o Vale do Paranhana, como uma espécie de central de inteligência do setor. Conforme a Abicalçados, o Vale do Paranhana e a Serra concentram mais de 600 empresas do setor, com 30 mil trabalhadores.

## 5. MOINHOS EM ALTA



A produção de farinha de trigo, para o processamento de massas, biscoitos, pães e bolos faz parte da tradição da região de colonização italiana. Conforme a Abitrigo, o Rio Grande do Sul, com mais de 30 moagens em funcionamento, responde por 15% da farinha produzida no País. Na Serra, estão quatro dos principais moinhos do Estado, respondendo por pelo menos metade da farinha produzida aqui.

## 6. A TERRA DA UVA E DO VINHO



É impossível falar da Serra sem mencionar a sua especialidade na produção de uvas e vinhos. Neste ano, conforme a Secretaria Estadual da Agricultura, foram colhidos 664,9 milhões de quilos de uvas em todo o Estado, que resultaram em 216,1 milhões de litros de vinho, 38,2 milhões de litros de suco de uva e 13,7 milhões de litros de espumantes. A Serra responde por pelo menos 85% dessa produção. O Estado é o maior produtor de uvas do País e responsável por 90% da produção nacional destinada ao processamento de vinhos, sucos e espumantes.

## 7. QUEIJOS E CHOCOLATES COM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA



Nos últimos anos, diversos setores econômicos da região, especialmente na área dos alimentos, têm mobilizado suas comunidades para a valorização dos produtos e das receitas exclusivas de cada localidade. Hoje, são sete produtos certificados com a indicação de procedência geográfica, e os resultados econômicos são imediatos. Os queijos serranos, por exemplo, tiveram alta de 50% nas vendas após a certificação, e os chocolates de Gramado, 10%.





## 8. CADEIA DO FRANGO

Assim como em outras regiões do Estado e do País, as gigantes do setor de frigoríficos também dominam a produção da industrialização do frango entre a Serra e o Vale do Caí. Ainda assim, a partir da produção local de aves, este é um setor estabelecido na região.

## 9. PRODUÇÃO DE LÁCTEOS É TRADIÇÃO

A região não figura entre as principais bacias leiteiras do Rio Grande do Sul, no entanto, a produção de leite, e principalmente de queijo, faz parte do cardápio da região, com a presença de grandes atores da economia local, como as cooperativas Santa Clara e Piá, com tradição centenária.

## 10. A TERRA DAS MAÇÃS

A região dos Campos de Cima da Serra tornou-se a terra das maçãs no Rio Grande do Sul. A produção da fruta neste ano chegou a 338 mil toneladas no Estado, que representa quase 70% da produção nacional, com 14,4 mil hectares plantados. Deste total, 8,5 mil hectares foram plantados entre Vacaria e Bom Jesus. As maçãs representam 90% das exportações de Vacaria.

## 11. O VALE DAS BERGAMOTAS

Entre as potencialidades da economia do Vale do Caí está o plantio da bergamota, e Montenegro é a capital da fruta no Rio Grande do Sul. Neste ano, os produtores do município plantaram 3,3 mil hectares e colheram 54 mil toneladas da fruta, que rende ainda maior valor agregado com produtos da indústria cosmética, a partir da essência da bergamota.

## 12. A INOVAÇÃO COMO MOTOR DA ECONOMIA

Em uma região marcada pelas grandes multinacionais do setor industrial, que mantêm no RS os setores criativos e de desenvolvimento de novos produtos, inovar é a palavra de ordem. O TecnoUCS, em Caxias do Sul, é um dos mais avançados polos de inovação do Rio Grande do Sul e, no Vale do Paranhana, os governos municipais têm fortalecido o ecossistema da inovação em conjunto com a Faccat.

## 13. O MAIOR POLO TURÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL

Uma das principais "indústrias" da região é o turismo, em todas as suas frentes. Do lazer, com a Região das Hortênsias recebendo até 9 milhões de pessoas por ano - injetando R\$ 1,5 bilhão na economia -, até a aventura e o contato com a natureza. Tem ainda o potencial de feiras e eventos, o chamado turismo de negócios que, em Caxias do Sul, responde por 80% dos rendimentos do setor.

## 14. AEROPORTO, FERROVIAS E RODOVIAS

A região que teve o seu crescimento industrial, a partir da década de 1950, estimulado pelos investimentos em infraestrutura no País, com as melhorias em rodovias, hoje enfrenta limitações logísticas que chegam a representar 15% nos custos ao setor produtivo. Desta vez, as oportunidades para reduzir as perdas logísticas apresentam-se desde o ar, com o projeto de um novo aeroporto em Caxias do Sul, até a concessão de rodovias estaduais da região. Há demanda por um porto no Litoral Norte.

## Tecnologia

## Ecossistema garante inovação constante para a indústria

## Parques tecnológicos, universidades e Instituto Hélice apresentam novas soluções para empresas

Durante seis anos, os laboratórios do Parque Tecnológico da UCS (TecnoUCS) tiveram papel fundamental no desenvolvimento de uma nova matéria-prima, 100% renovável, para a reforma de pneus, e que, neste ano, entrou na linha de produção da Vipal, em Nova Prata. O objetivo da pesquisa era encontrar um material antioxidante que servisse à indústria de pneus com maior eficiência e menor impacto ambiental do que os produtos de origem petroquímica. E a resposta foi a lignina, obtida a partir de árvores de eucalipto.

Em um cenário onde a inovação faz a diferença, a universidade torna-se parada obrigatória para grandes empresas da região. E o que acontece desde a Serra até os Vales do Caí e Paranhana é exemplar quando se trata do protagonismo que a criatividade passou a ter na produção.

No Vale do Paranhana, as Faculdades Integradas de Taquara (Faccat) desenvolveram um modelo de incubadoras tecnológicas em parceria com prefeituras. São quatro núcleos, em Igrejinha, Parobé, Nova Hartz e Taquara. “O espaço é organizado pelo poder público, e a

universidade faz a gestão das incubadoras. Mas não é estanque. A cada mês, reunimos grandes empresas da região, que nos apresentam desafios, e eles são levados não apenas às incubadoras, mas também à sala de aula. Temos conseguido cada vez mais aproximar o ritmo da pesquisa acadêmica ao tempo das empresas para encontrarem respostas aos seus desafios”, explica o professor Fernando Neves, que coordena o Núcleo de Apoio Empresarial da Faccat.

A integração se dá principalmente com o setor calçadista, e o papel da universidade tem sido marcante no desenvolvimento da inovação nos processos criativos. Há 10 anos, a faculdade tem curso de Design, que garante a mão de obra qualificada para o que é desenvolvido no Rio Grande do Sul para o mundo.

“O processo de inovação acelerada, exigido principalmente pela internacionalização das indústrias da região, demandou um aprendizado por parte dos empresários e uma retomada do antigo espírito de colaboração que existia no começo da industrialização da Serra. Era um desafio: para se manterem longevas, as empresas precisavam inovar, mas desconheciam a lógica das startups e da inovação aberta”, conta a diretora executiva do Instituto Hélice, de Caxias do Sul, Salissa Festugato.

O instituto foi criado há cinco anos a partir da iniciativa de um grupo de quatro indústrias da Serra: Florense, Marcopolo, Randon e a Soprano. Hoje, são 22 empresas associadas entre 10 municípios da Serra. “Iniciou como um experimento, e deu tão certo que não havia como parar. São as empresas em transformação que se conectam ao instituto em busca de algo para crescer. Fazemos essa conexão entre o empreendedor, as universidades e quem tem novas ideias com potencial”, resume Salissa.

Ao todo, o Hélice contabiliza 500 soluções para 60 desafios nos últimos anos, e um investimento que já chega a R\$ 4,5 milhões para 22 startups de todo o Estado. O resultado, comenta a diretora, tem sido a absorção dessas novas empresas e soluções pelos centros tecnológicos das multinacionais locais.

O Instituto Hélice deve ter, nos próximos meses, seu próprio hub, na área conhecida como o Pátio da Estação, em Caxias do Sul. Por enquanto, o projeto funciona no Parque Tecnológico da UCS. Desde 2015, o TecnoUCS contabiliza 1.200 empresas com serviços prestados pela universidade, com 545 municípios afetados de alguma forma pelo que foi desenvolvido ali.

“Temos um ecossistema de inovação e de soluções que se tornou um dos principais pilares



Salissa Festugato, do Instituto Hélice, explica como são feitas conexões

da universidade. Toda a universidade está sendo redesenhada por essa vocação e necessidade. O parque está estruturado com sete hubs, que vão do desenvolvimento de materiais, agricultura, alimentação até inteligência artificial. São hubs que servem como canal aberto para demandas de empresas, muito além da Serra. Nosso papel é garantir a geração de capital humano de qualidade para catapultar a economia”, diz o reitor da UCS, Gélson Rech.

A partir de uma agência de inovação criada no TecnoUCS, há articulação entre empresas e ambiente universitário. Dali, há um sistema de aceleração de startups, que conta com 40 projetos validados, e um escritório de projetos com 70 grupos de pesquisas equipados com laboratórios específicos. E há,

principalmente, as portas abertas para indústrias. São mais de 50 empresas incubadas ou residentes no campus, caso da Ford, que desenvolve quatro projetos envolvendo até 300 pesquisadores, e da Marcopolo, com outros quatro projetos em andamento. Ao todo, são 129 projetos rodando. Neste ano, a universidade investe R\$ 17 milhões para a ampliação do TecnoUCS, com 1,7 mil m<sup>2</sup> para 20 novas empresas.

## Os polos de inovação

- Caxias do Sul
- Farroupilha
- Igrejinha
- Parobé
- Nova Hartz
- Taquara

## Grafeno tem aplicação na fabricação de tênis de corrida no Vale do Paranhana

Foi do campus da UCS que surgiu um dos mais modernos modelos de tênis de corrida desenvolvidos pela Vulcabras, de Parobé, no Vale do Paranhana.

O Olympikus Corre Grafeno conta com placa de propulsão, que ajuda no alto rendimento do corredor, desenvolvida à base de grafeno. O material, que é um

formato de desenvolvimento do carbono, caracteriza-se pelo alto poder condutor de eletricidade, de absorção de calor, de flexibilidade e resistência. Mesmo sendo extremamente fino, é 100 vezes mais forte que o aço.

Tornou-se especialidade da universidade, que, com o UCS Graphene, é a maior produtora em escala industrial da América Latina. A partir de uma equipe com oito profissionais – além dos pesquisadores da universidade – e de empresas parceiras, como a Znano, que desenvolveu o projeto do tênis, funciona no campus a unidade de negócios que tem feito a diferença em diversos setores produtivos. “Não temos empresas residentes no

UCS Graphene, mas trabalhamos de maneira colaborativa com empresas na busca de soluções para produtos voltados ao mercado. Iniciamos esse ecossistema vinculado ao TecnoUCS a partir da percepção de que tínhamos um setor produtivo carente de novas tecnologias, especialmente na área de materiais”, explica o coordenador do UCS Graphene, Diego Piazza.

A produção de grafeno é consequência de 20 anos de pesquisa desenvolvida na universidade na área de nanotecnologia para materiais. Em 2010, pesquisadores chegaram ao grafeno e, sete anos depois, concretizaram trabalhos que comprovaram o potencial de aplicação do material

no dia a dia. E os usos são os mais diversos, como na construção civil, saúde, indústria automobilística, refrigeração, armas, calçados e vestuário.

A equipe de basquete de Caxias do Sul, por exemplo, lançou uma linha de uniformes com grafeno na composição do tecido. “Para cada setor, há um tratamento diferente das partículas de grafeno. Há diferentes tipos deste material e rotas de produção. Em pouco tempo a sociedade começará a perceber cada vez mais soluções em materiais a partir de nanopartículas”, diz Piazza. Em novembro, a UCS sedia a Feira do Grafeno, com 50 expositores e 20 experiências de aplicação prática do material.

CLAUDIA VELHO/DIVULGAÇÃO/JC



Produto desenvolvido na UCS já é aplicado em diversos produtos

Indústria

# Novo Polo Químico já tem operações no Vale do Caí

## Fábrica de cimento é a primeira unidade de complexo em Montenegro

Foi com um aporte de R\$ 100 milhões da empresa paulista Hipermix que foi inaugurada, em agosto deste ano, a planta industrial dos Cimentos Gaúcho, na área reservada a um dos mais promissores projetos industriais no Rio Grande do Sul.

Trata-se de iniciativa conjunta entre governo estadual, Sindicato das Indústrias Químicas do Estado (Sindiquim) e prefeitura de Montenegro, no Vale do Caí, o chamado Polo Químico, para funcionar como um complemento ao ecossistema bilionário do Polo Petroquímico de Triunfo.

“Desde o início do mandato, temos recebido diversas empresas interessadas em se instalarem nesta área do nosso município. O investimento da Cimentos Gaúcho, acredito, vai abrir um caminho muito positivo para o município. Pela legislação que aprovamos, além das indústrias do setor químico, este novo distrito industrial também poderá receber empresas de logística”, explica o prefeito de Montenegro, Gustavo Zanatta.

Há pelo menos uma carta de interesse já documentada para instalação de mais uma empresa paulista naquela área, e também do setor químico, com intenção de investir outros R\$ 100 milhões no município. É que a oportunidade para quem quer investir é garantida por

uma série de incentivos. Toda empresa que se instalar em Montenegro recebe do município o aterramento da área e, conforme o setor de atuação, reduções no ISSQN e IPTU. No caso da indústria química, há ainda 90% de desconto na compra da área. Para outros setores produtivos, o desconto no distrito industrial é de 50%.

“Estamos no caminho entre a Região Metropolitana e a Serra. Do ponto de vista logístico, Montenegro é privilegiado e naturalmente atrai novos investimentos”, diz o prefeito.

A instalação do Polo Químico é mais uma oportunidade em um município próspero para a produção industrial. O setor de transformação responde por 60,1% da arrecadação de ICMS do município, e garante



PREFEITURA DE MONTENEGRO/DIVULGAÇÃO/JC

Empresa Hipermix foi a primeira a se instalar no distrito industrial

a Montenegro o 13º lugar entre os maiores exportadores do Rio Grande do Sul entre janeiro e setembro deste ano. Os principais produtos exportados são máquinas agrícolas, a partir da fábrica da John Deere instalada no município, e produtos armamentícios, da fábrica da CBC.

São duas das 12 empresas já instaladas ou em processo de instalação entre os 700 hectares do distrito industrial. Desta área total, 35 hectares próximos da BR-386 são destinados ao Polo Químico.

“Além da rodovia federal,

temos cruzando ou próximo do município quatro rodovias estaduais. Mesmo que não estejam nas condições ideais para escoar a produção, são sempre diferenciais e, nos últimos três anos, pelo menos 15 empresas aproximaram-se do município interessados em se instalarem”, conta Zanatta.

No horizonte do governo municipal está a aquisição de uma área para a instalação de um novo parque industrial destinado exclusivamente para empresas de pequeno e médio porte.

A **CIC Caxias** é o coração pulsante dos negócios e do desenvolvimento econômico de **Caxias do Sul e da Serra Gaúcha**. Há 122 anos, trabalhamos para fortalecer a comunidade empresarial e transformar a Região.

Nossa história é marcada por parcerias sólidas, inovação contínua e uma mobilização incansável para elevar o nosso potencial econômico e a nossa competitividade.

Mas não nos contentamos com o passado. Olhamos para o futuro para pavimentar um caminho ainda mais próspero. **Esse é o nosso compromisso.**

**Juntos, fazemos história. Juntos, moldamos o futuro.**

**CIC**  
Caxias



## Indústria

# Polo moveleiro de Bento inova para ganhar o mundo

**Sindmóveis contabiliza 300 empresas do setor instaladas em municípios da Serra Gaúcha**

Eduardo Torres

A partir de alguns cliques, o consumidor pode elaborar o projeto dos seus móveis planejados, com a ajuda dos especialistas, e ainda consegue acompanhar toda a trilha da produção, desde a concepção, a fabricação, até o carregamento e a entrega. A operação, denominada Save Space e desenvolvida em conjunto com o Instituto Hélice, é uma das apostas na inovação do Grupo Bertolini, um dos principais do polo moveleiro de Bento Gonçalves. Até 2028, a empresa criada em 1969 na Serra pretende desembolsar R\$ 101 milhões em processos de modernização.

Quando anunciou o plano de investimentos, em 2022, o CEO, Evandro José Boscardin, explicou: “Investimos em equipamentos, sim, mas a prioridade está nas pessoas, e na nova forma de consumo de móveis a partir da pandemia. Estamos abertos às novas ideias e inovações”.

É como se a marcenaria tivesse encontrado a fórmula para levar o seu trato para a criação dos móveis a uma escala global. Uma fórmula que a Florense, de Flores da Cunha, aplica como poucas. A empresa, que é uma das gigantes gaúchas no setor moveleiro, foi uma das fundadoras do Instituto Hélice.

O grupo atribui o segredo para o crescimento à manutenção do que fez a Florense surgir, em 1953, como pequena marcenaria familiar. Atualmente a empresa é comandada pela terceira geração das famílias parceiras, e denomina sua produção como *high end custom made*. É como se fosse uma marcenaria gigante, que customiza cada um dos elementos do projeto desejado pelo cliente. A partir do município da Serra, a Florense conta com 50 lojas franqueadas no Brasil e 14 no exterior, entre Estados Unidos e América Latina.

O Sindicato das Indústrias do Mobiliário de Bento

Gonçalves (Sindmóveis) contabiliza 300 empresas do setor, com 5,6 mil trabalhadores vinculados ao polo moveleiro. O faturamento dessas empresas, no ano passado, chegou a R\$ 3,1 bilhões.

Assim como outros setores industriais da região, a produção moveleira tem mercado aberto no exterior. Conforme o Sindmóveis, no primeiro semestre deste ano, as empresas da região negociaram US\$ 24 milhões. Os móveis de Bento chegaram a 42 países, sendo o Uruguai o maior importador, seguido pelos EUA.

“Hoje, somos uma referência mundial pela tecnologia e design aplicados na concepção dos móveis. Desde muito cedo, quando o sindicato foi concebido, o setor já tinha essa preocupação de garantir móveis não só bonitos, mas funcionais. O polo como um todo foi um processo de construção altamente colaborativo, que permanece até hoje”, diz a presidente do Sindmóveis, Gisele Dalla Costa.

A entidade surgiu em 1977, já com a realização da feira Movelsul, hoje a maior da América Latina no setor. Seis anos antes, a Todeschini, empresa que surgiu ainda no início do século XX em Bento Gonçalves com a fabricação de gaitas, após um incêndio, restabeleceu-se como uma indústria de móveis. Inovou desde o início, com a produção de modulados.

Desde o ano passado, a empresa faz um dos maiores investimentos industriais na região, de R\$ 272 milhões na ampliação do seu parque industrial em Bento Gonçalves, que chegará a quase 100 mil metros quadrados. São 700 funcionários empregados nessa produção.

## Principais municípios do setor moveleiro

- Bento Gonçalves
- Flores da Cunha
- Tupandi
- Bom Princípio
- São Marcos
- Garibaldi
- Caxias do Sul
- Gramado

Fonte: Sindmóveis e Movergs



Gisele Dalla Costa, do Sindicato das Indústrias do Mobiliário, diz que o setor é referência internacional



Tecnologia é aplicada na concepção e fabricação de móveis na Serra

## Produção também está em expansão no Vale do Caí

Engana-se quem pensa que o potencial da região na produção de móveis limita-se aos arredores de Bento Gonçalves. Além da produção artesanal característica da Região das Hortênsias, o mercado mobiliário tem no Vale do Caí outra potência no setor.

O Grupo K1, com fábrica em Tupandi, apresenta-se como o maior grupo do setor na América Latina. A empresa criada em 1995 pelos irmãos Carlos Sost e Celso Theisen emprega 1,9 mil funcionários em um parque industrial de 200 mil metros quadrados.

A partir de Tupandi, são produzidos móveis das marcas Kappesberg – que

responde por 60% da receita –, Uz Utilidades, Idéli Ambientes, My Home e Barten.

Sozinho, o grupo exporta móveis para 45 países. Desde 2021, é a primeira fabricante de móveis do Brasil considerada carbono zero, e agora, como já acontece com outras empresas do setor da Serra, o Grupo K1 também vai expandir sua fabricação para o Nordeste, na Paraíba.

Na mesma região, há ainda a Madesa, com um moderno parque fabril em Bom Princípio. Ao todo, o setor moveleiro conta com 36,8 mil indústrias no Rio Grande do Sul, com 2,4 mil funcionários. O setor movimentou, no ano passado, R\$ 11,5 bilhões.

## Florestas plantadas abastecem indústria de móveis do RS

A força do polo moveleiro mobiliza ainda toda a cadeia produtiva dos fornecedores dessa indústria. Estão na Serra, por exemplo, três municípios com algumas das maiores áreas de floresta plantada no Estado – São Francisco de Paula, Cambará do Sul e Bom Jesus. De acordo com o Sindimadeira, todo o pinus fornecido para a fabricação de chapas para móveis gaúchos vem de florestas de pinus plantadas no Rio Grande do Sul.

O Sindmóveis contabiliza, somente na região de Bento Gonçalves, uma cadeia de 60 empresas fornecedoras de insumos, máquinas, ferramentas e softwares. “Além do cenário favorável para empreender na área moveleira, a nossa região tem grandes oportunidades para empresas que fornecem ao setor. São locais e até mesmo estrangeiras. Mantemos um programa, chamado Orchestra Brasil, que qualifica e potencializa esta cadeia de fornecimento”, aponta a presidente do Sindmóveis.

## Municípios de destaque no setor florestal

- São Francisco de Paula
- Cambará do Sul
- Bom Jesus
- São José dos Ausentes
- Jaquirana

Fonte: Ageflor

Indústria

# Vale do Paranhana concentra criação do setor calçadista

**Municípios como Parobé, Igrejinha, Três Coroas e Farroupilha mantêm grandes fábricas**

A produção de calçados no Vale do Paranhana e na Serra há muito não é mais aquele grande galpão limitado à fabricação em série de componentes ou pares de calçados. O papel deste, que é um dos principais polos calçadistas do País, cada vez mais é o de criação e desenvolvimento.

Foi a partir do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Vulcabras, em Parobé, por exemplo, que a criação do primeiro tênis de corrida com o uso do grafeno começou a tomar forma. Foram 18 meses de trabalho em parceria com o UCS Graphene e outros 40 dias de desenvolvimento do protótipo inicial do calçado.

“Na indústria de calçados esportivos, o desenvolvimento de novas tecnologias é uma parte fundamental do processo industrial. No caso do Olympikus Corre Grafeno, precisávamos desenvolver um material que garantisse o efeito trampolim, absorvendo o impacto da passada e transformando em impulsão, com o menor gasto de energia possível. A busca de respostas aos desafios da produção é constante no centro de pesquisa

e desenvolvimento”, diz o CEO da Vulcabras, Pedro Bartelle.

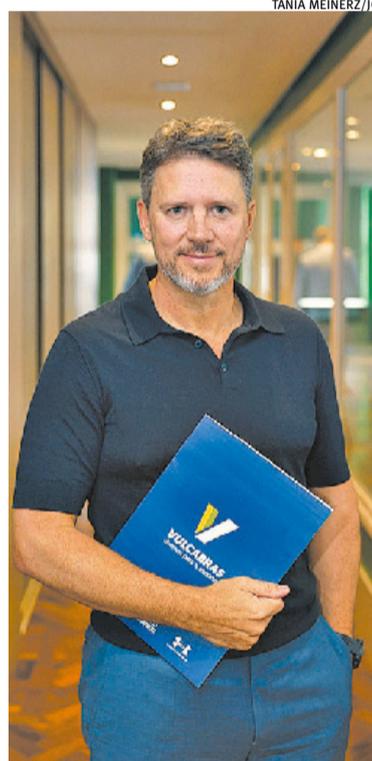
Desde que o novo modelo foi lançado, em 2022, já foram 100 pódios garantidos por corredores de elite no País. Conquistas que, como explica Bartelle, envolvem centenas de pessoas. Só para desenvolver um modelo de tênis, são pelo menos 120 profissionais no processo que mais envolve tecnologia no mundo da indústria calçadista.

O Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Parobé é o maior da América Latina. Lá a empresa tem 700 funcionários entre laboratórios de materiais, de realidade virtual, de usinagem para matrizes e de impressão 3D de solados, dedicando R\$ 600 milhões nos últimos cinco anos em investimentos em tecnologia e inovação. Anualmente, mais de 800 modelos são gerados para a indústria. “Em Parobé, garantimos não só o desenvolvimento de tecnologia para produtos brasileiros, mas também a exportação de conhecimento para EUA e Japão”, aponta o executivo.

Além da marca própria Olympikus, a empresa fabrica para Under Armour e Mizuno – esta última com 100% da coleção de 2022 no Brasil desenvolvida pela Vulcabras – em plantas no Ceará e na Bahia. Em 2022, com crescimento acima



Centro de Pesquisa em Parobé tem laboratórios para o desenvolvimento de tênis e reúne 700 profissionais



CEO da Vulcabras, Pedro Bartelle vê resposta a desafio da produção

de 30%, teve faturamento de R\$ 2,9 bilhões, um dos melhores resultados do setor no Brasil.

“A cultura centenária, a estrutura industrial e a qualidade principalmente na disseminação de conhecimento e tecnologia dão ao Estado um know-how no setor que é diferenciado em relação ao Brasil. É algo que nos fez aprender muito e garantir, hoje, inclusive maior produtividade, com qualidade, do que os asiáticos”, diz Bartelle.

Na origem da Vulcabras, ainda em Parobé, havia a produção dos calçados Azaléia. A linha de sapatos femininos atualmente é licenciada para a Grendene, outra gigante do ramo calçadista e líder nacional em exportações. A empresa, fundada em 1971, em Farroupilha, é da mesma família que tem o maior volume de ações da própria Vulcabras. A Grendene, que tem a Melissa

## Municípios de destaque do setor calçadista

- Parobé
- Igrejinha
- Três Coroas
- Farroupilha
- Nova Petrópolis

como principal linha, expandiu a produção para o Nordeste, mas mantém em Farroupilha – onde está a origem da família – parte da produção e administração da empresa.

Conforme a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), o Vale do Paranhana e a Serra concentram 616 empresas do setor, com 30 mil pessoas empregadas. Em 2022, dali saíram 37,1 milhões de pares de calçados, com US\$ 186,5 milhões em exportações.

## Tradição é o diferencial da fabricação dos produtos elaborados em Igrejinha e Parobé

Entre janeiro e setembro deste ano, Parobé foi o 68º município gaúcho com maior volume de exportações, 88% delas foram de calçados. Já Igrejinha, que é o 31º maior exportador, teve os calçados como 75% de todo o material vendido ao exterior. É nestes dois municípios que a Usaflex produz e segue expandindo. São investidos R\$ 72 milhões na ampliação da fábrica, que aumentará a capacidade produtiva em 6 mil pares de calçados por dia, chegando a 34 mil, em Igrejinha.

“Hoje a nossa produção é 100% gaúcha. Temos aqui um diferencial muito importante

com a especialização da mão de obra, com muita qualidade no desenvolvimento e no acabamento dos produtos. Isso nos dá muita vantagem em relação ao que é produzido em outras regiões”, aponta o executivo da empresa, Sérgio Bocayuva.

É este diferencial que tem garantido a empresas como a Bibi valor agregado à sua produção. Neste mês de outubro, pela terceira vez, a empresa de Parobé recebeu a premiação máxima de Origem Sustentável à sua cadeia produtiva.

“Somos a primeira empresa a realizar estudos científicos

com o objetivo de criar o calçado ideal para crianças e sempre buscamos ser uma empresa que trabalha com foco em questões sustentáveis”, diz a presidente da Bibi, Andrea Kohlkrusch.

Entre os destaques da calçadista está a utilização de matéria-prima 100% atóxica, alinhamento das questões de sustentabilidade com fornecedores e o não descarte das sobras da indústria.

“O design, o maquinário e principalmente a qualidade da mão de obra são os diferenciais da produção gaúcha de calçados. Nascemos na beira do Rio

Paranhana, há 47 anos, em um galpão de madeira, em Igrejinha. Mesmo com apenas oito empregados e uma máquina de costura, já tínhamos a nossa mão de obra de qualidade e, com o tempo, agregamos os nossos demais diferenciais”, diz o presidente da Calçados Beira Rio, Roberto Argenta.

A empresa, listada entre as maiores do Rio Grande do Sul pela Revista Amanhã, faturou R\$ 5 bilhões no ano passado, e projeta chegar a R\$ 5,5 bilhões em 2023. Somente em Igrejinha, são 800 funcionários. Ao todo, a Beira Rio emprega 10 mil funcionários e outros 15 mil

terceirizados.

“Nós temos investido muito na qualificação dos nossos funcionários a partir de Igrejinha, e levado essa qualificação para outras regiões do Estado”, aponta o empresário, que neste ano investe R\$ 60 milhões em duas novas fábricas em Candelária, no Centro do Estado.

Segundo Argenta, a expansão tem como objetivo aumentar o potencial exportador do calçado gaúcho. Hoje, a Calçados Beira Rio destina 90% da sua produção ao mercado nacional, mas exporta para até 100 países.

## Indústria

## Vinhos têm Indicação Geográfica reconhecida

**Serra Gaúcha ganha cinco selos de produtos de qualidade com características próprias**

Eduardo Torres

A tradição na produção de comidas e bebidas é vista no mundo inteiro como “Made in Serra Gaúcha”. Somente nesta região, o Rio Grande do Sul tem reconhecidos sete produtos com Indicações Geográficas. Nada melhor do que o vinho para simbolizar este valor agregado ao que é produzido nesta parte do Estado. São cinco indicações com vinhos de características próprias: Altos Montes (Flores

### O mapa da uva e do vinho por municípios

#### Produção de uvas (para mesa)

- Caxias do Sul
- Bento Gonçalves
- Farroupilha
- Vale Real
- Flores da Cunha

#### Produção de uvas (para indústria)

- Flores da Cunha
- Bento Gonçalves
- Farroupilha
- Caxias do Sul
- Garibaldi

#### Produção de vinhos (de mesa)

- Flores da Cunha
- Farroupilha
- Bento Gonçalves
- Campestre da Serra
- Caxias do Sul

#### Produção de vinhos (finos)

- Bento Gonçalves
- Farroupilha
- Garibaldi
- Flores da Cunha
- Caxias do Sul

da Cunha e Nova Pádua), Monte Belo (Monte Belo do Sul), Farroupilha, Pinto Bandeira e o Vale dos Vinhedos (Bento Gonçalves), este, concentrando o maior volume da produção vitivinícola.

“Temos uma história de 92 anos que começou com 16 famílias de imigrantes italianos que se uniram para fortalecer a produção vinícola em Bento. Seguimos fiéis àqueles princípios de perseverança. Precisamos nos reinventar muitas vezes, e seguimos nessa transformação. Somos a maior vinícola do Brasil, respondendo historicamente por 10% da produção gaúcha, e os nossos vinhos chegam a 20 países”, conta o presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Aurora, Renê Tonello.

Trata-se de uma cooperativa, com 1.067 famílias no cultivo de 2,8 mil hectares de uvas em 11 municípios da Serra, em um raio de 50 quilômetros a partir de Bento Gonçalves. Só na produção da Aurora, neste ano foram colhidos 70,5 milhões de quilos da fruta. São 70% da produção destinados aos sucos, 28% aos vinhos e espumantes e outros 2% para outros produtos vinícolas, como o brandy.

Dados da Secretaria Estadual da Agricultura demonstram que Bento Gonçalves, com 20 milhões de litros em 2023, é o município com o maior volume de vinhos finos produzidos no Estado, seguido por Farroupilha.

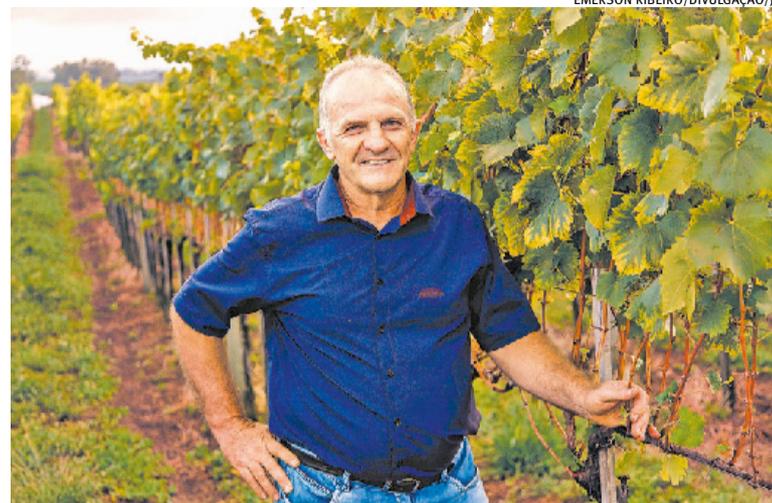
Em relação aos vinhos de mesa, a liderança é de Flores da Cunha, com 86,3 milhões de litros engarrafados este ano, também seguido por Farroupilha. Os três municípios da Serra dividem o protagonismo entre os maiores produtores de uvas de mesa e para a indústria em solo gaúcho.

Neste ano, o Estado registrou a maior safra de uvas viníferas desde 2018, com 99,7 milhões de quilos colhidos. Mas a soma de todos os tipos de uva chegou a 664,9 milhões de quilos, que resultaram em 216,1 milhões de litros de vinho, 38,2 milhões de litros de suco de uva e 13,7 milhões de litros de espumantes. A Serra responde por pelo menos 85% dessa produção. O Estado é o maior produtor de uvas do País e responsável por 90% da produção nacional destinada ao processamento de vinhos, sucos e espumantes.

O cooperativismo teve papel marcante na vitivinicultura da Serra. Conforme a Fecovinho, são seis delas na região. E o ano de 1931, quando foi criada a Aurora, foi fundamental nessa história. No mesmo ano, foi criada a Cooperativa Nova Aliança, em Flores da Cunha, e a Garibaldi, no município de mesmo nome.

Com 450 produtores associados entre 18 municípios, com 1,2 mil hectares de cultivo, a Cooperativa Garibaldi hoje tem 43% do volume dos seus negócios relacionado aos espumantes. A meta, aponta o presidente Oscar Ló, é chegar a 50% em 2025. A produção comercial de vinhos na Serra, porém, começou antes das cooperativas.

Desde 1910, a família Salton tornava-se conhecida no atual município de Bento Gonçalves pela sua produção incrementada pelos filhos do imigrante Antonio Domenico Salton. A produção hoje é expandida não apenas à Serra, mas também à Campanha e a São Paulo. Ao todo, são 830 hectares cultivados entre áreas próprias e de famílias parceiras, que resultam em 4% de toda a safra gaúcha.



EMERSON RIBEIRO/DIVULGAÇÃO/JC

Tonello observa que a Cooperativa Aurora é a maior vinícola do Brasil



EDUARDO BENINI/DIVULGAÇÃO/JC

Maurício Salton destaca diversificação de produção e espumantes

“Mesmo sendo protagonista no mercado nacional e internacional, a nossa empresa sempre priorizou o desenvolvimento da cidade onde nascemos, 32% dos colaboradores são moradores de Bento Gonçalves. Temos 113 anos e um compromisso social marcante. Nos últimos três anos, por exemplo, a Salton desenvolveu o programa Legado Social, que destinou R\$ 282 mil para ações em áreas como a educação e o combate à violência nas comunidades em que atuamos”, diz o diretor-presidente da empresa, Maurício Salton.

Os espumantes são o carro-chefe da produção, respondendo por 46% das vendas, mas a Salton tem diversificado a produção. Por exemplo, 27% das vendas são de destilados.

Conforme a pesquisa Nielsen Super Varejo, a Salton é a quarta na preferência do consumidor da Região Sul nas vendas de gim. Ocupa também o quinto lugar na região entre os vinhos de mesa, que representam 20% das vendas.

Após as denúncias de casos de trabalho análogo à escravidão na última vindima, as duas cooperativas e a empresa têm dedicado suas ações ao reforço das políticas de compliance e ESG. A recuperação da imagem já é perceptível nos números.

Na Aurora, por exemplo, até setembro já foram recebidos 155 mil turistas em sua sede e nas propriedades com produção vinícola. A expectativa, aponta Tonello, é superar os 241,8 mil registrados em 2022.

## Campos de Cima da Serra amplia produção de queijo serrano com selo de procedência

Outro dos selos de origem na região está nos Campos de Cima da Serra. Somente lá é possível encontrar o queijo serrano. De acordo com a Associação dos Produtores de Queijo e Derivados do Leite dos Campos de Cima da Serra (Aprocamos), a região conta com pelo menos 50 produtores – 10 deles já contam com o selo de procedência,

concedido neste ano –, que chegam a fabricar 1,5 mil quilos de queijo serrano por dia.

Aos 57 anos, Cladecir Biten-court, que preside a associação, cria 22 vacas em campo nativo em São José dos Ausentes, e há 18 anos dedica-se à produção do queijo serrano. “Se fosse vender leite, com certeza não teria o rendimento que tenho, e ainda

estaria sujeito a incertezas do setor. Desde que conquistamos o reconhecimento de identificação geográfica do queijo, as vendas e o valor do produto aumentaram em uns 50%. Significou muito valor agregado”, conta.

Com a sua queijaria, a Vô Manuel, estrategicamente posicionada à beira da estrada no limite entre São José dos

Ausentes e Bom Jesus, Biten-court produz até 15 quilos por dia, e vende tudo rapidamente. “Todo o turista que hoje vem para os Aparados, por exemplo, tem que passar aqui para levar o queijo serrano. E tem ainda toda a demanda para os contatos que temos em Porto Alegre e em outras regiões com maior consumo. Na Expoiner, o lucro

é garantido.” É que este não é qualquer queijo. A começar pelo leite que dá origem a ele. Para ser o queijo serrano, não pode ser originário de vacas leiteiras, mas de vacas de raças de corte. Elas precisam ser criadas no campo nativo, típico de Cima da Serra. E no momento da produção, o leite é cru. O queijo é obtido somente com coalho e sal.

## Gramado se destaca na produção de chocolate artesanal

O chocolate de Gramado, na Região das Hortênsias, é mais um dos produtos reconhecidos com o selo de identificação de procedência geográfica na região. Na verdade, é o primeiro chocolate artesanal atestado com o selo em todo o Brasil.

Uma tradição iniciada entre 1975 e 1976, com as primeiras produções da Praver e da Lugano. Desde o ano passado, oito das 28 indústrias de chocolates locais receberam o selo de indicação como os legítimos Chocolates Artesanais de Gramado. E o resultado, como atesta a Associação da Indústria e Comércio de Chocolates de Gramado (Achoco), é imediato. Nos primeiros meses, o faturamento dessas chocolaterias aumentou 10%.

“Desde o início, há 47 anos, o esforço da nossa empresa foi pela produção de um chocolate realmente premium, com qualidade relacionada às famílias de Gramado. Tem muito a ver com o aconchego e a hospitalidade que a cidade tem. E, com Gramado cada vez mais nas cabeças de quem pensa em fazer turismo no Rio Grande do Sul, os chocolates são a experiência plena do local que vendemos. Se o turismo local passou da contemplação à experiência, o chocolate tem um papel fundamental”, diz o diretor de marketing e expansão da Lugano, Jonas Esteves.

Assim como o setor de turismo, os chocolates de Gramado também vivem um boom. Nos últimos quatro anos, a Lugano saltou de uma produção de 10 toneladas por mês para 100 toneladas. Uma mudança



Chocolate em forma de Kikito, troféu do Festival de Cinema de Gramado

que exigiu investimentos de R\$ 10 milhões nos últimos dois anos. “Abrimos mão da loja de fábrica que tínhamos para ampliar a área de produção, com a instalação de novas máquinas, treinamentos e certificações. Nosso esforço tem sido redobrado na qualificação da nossa mão de obra, para mantermos talentos que multipliquem a tradição do verdadeiro chocolate de Gramado”, explica Esteves.

Mesmo com franquias em todos os estados brasileiros, 100% da produção da empresa é em Gramado, e com as características artesanais necessárias. São mais de 200 funcionários trabalhando na produção.

Para obter o selo de Chocolate Artesanal de Gramado, a produção da massa de cacau precisa ser toda feita dentro do município, não podem ser usadas gorduras hidrogenadas e é preciso usar no mínimo 25% de cacau na fórmula dos chocolates brancos, 35% na de chocolates ao leite e entre 42% e 55% nos meio amargos, e para os amargos, acima de 55% de cacau.

### Produtos com identificação geográfica na Serra e Campos de Cima da Serra

- **Chocolates artesanais de Gramado** (Gramado)
- **Queijo serrano** (São José dos Ausentes, Bom Jesus)
- **Vinhos de Monte Belo** (Monte Belo do Sul)
- **Vinhos e espumantes do Vale dos Vinhedos** (Bento Gonçalves)
- **Vinhos e espumantes de Pinto Bandeira** (Pinto Bandeira)
- **Vinhos e espumantes de Farroupilha** (Farroupilha)
- **Vinhos e espumantes de Altos Montes** (Flores da Cunha e Nova Pádua)

“Todas as lojas que vendem chocolate certificado têm o selo na vitrine ou em um quadro no interior da loja. Antes, muitos consumidores acabavam comprando gato por lebre, nos casos de empresas que apenas derretem e moldam o chocolate em Gramado”, explica o presidente da Achoco, Fabiano Contini.

## Laticínios e a tradição da fabricação de queijos

Os municípios da região não aparecem na lista dos maiores produtores de leite do Estado, mas os laticínios, que produzem queijo, têm papel importante no mapa econômico regional.

É o caso da Cooperativa Santa Clara, criada há 111 anos por imigrantes italianos que chegaram a Carlos Barbosa e tinham a necessidade de unir e fortalecer a produção local de leite.

“O espírito cooperativista, que fortaleceu os produtores e toda a comunidade, desde o primeiro dia, perdura ainda hoje. Tudo o que inovamos ou investimos é pensando no cooperativado”, explica o diretor da cooperativa, Alexandre Guerra.

A marca Santa Clara é a

segunda na preferência do consumidor da Região Sul quando se trata do leite UHT, e a quinta na região no queijo ralado. A cooperativa, que foi pioneira no setor de laticínios, tem papel fundamental na evolução do município. A Festiqueijo, por exemplo, que é o principal evento de Carlos Barbosa, teve origem na Festa do Leite, promovida pelas famílias cooperadas.

São 2,4 mil associados e 2,2 mil funcionários entre as operações da Santa Clara, que incluem três laticínios, em Carlos Barbosa, Casca e Getúlio Vargas, duas fábricas de rações, em Carlos Barbosa e Estação, um frigorífico de suínos e uma cozinha coletiva, ambos

### Laticínios por município:

- **Carlos Barbosa** (Cooperativa Santa Clara)
- **Nova Petrópolis** (Cooperativa Piá)
- **Taquara** (Dielat)
- **Boa Vista do Sul** (Laticínios Steffenon / Languiru)
- **Bento Gonçalves** (Bento Gonçalves)

Fonte: Sindilat

em Carlos Barbosa. Mais da metade da produção da cooperativa é dedicada ao leite. Em média, 800 mil litros diários. A cada mês, são 600 toneladas de queijos produzidos.

## Serra Gaúcha reúne moinhos e fábricas de farinha de trigo

São poucas as cidades na região que não têm um moinho que conte, por si só, boa parte da história da colonização italiana da Serra. Não há municípios da região entre os maiores produtores de trigo do Estado, no entanto, as farinhas, massas, pães e biscoitos, que não podem faltar na mesa do “gringo”, caíram no gosto do consumidor da Região Sul e do Brasil.

A farinha de trigo preferida do público entre os três estados do Sul, por exemplo, é produzida pelo Moinho do Nordeste. Uma das principais moageiras do País, a empresa criada em 1945 em Antônio Prado, hoje produz farinhas e outros 100 produtos também no Paraná.

Levantamento da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo) de 2022 mostra que o Rio Grande do Sul hoje produz 15% da farinha de trigo brasileira. São 32 moagens ativas no Estado. Na Serra, estão pelo menos quatro grandes moinhos, entre Antônio Prado, Vacaria, Bento Gonçalves e Caxias do Sul.

“A busca constante por qualidade, sempre de olho nas necessidades que o mercado apresenta, para trazer novidades no nosso mix de produtos, é a nossa cultura, que vem desde a origem do moinho”, diz o gerente de marketing da Orquídea, Marcelo Tondo.

Ele é neto do fundador da empresa, Darvino Tondo que, ao lado da esposa e dos irmãos, há 70 anos criou o moinho em Pinto Bandeira. Hoje, a Orquídea emprega 1,2 mil pessoas e produz 25% da farinha do Rio Grande do Sul. Tem a sua principal produção em Caxias do Sul, e mantém em Bento Gonçalves um de seus moinhos. Se na época de Dalvino a capacidade produtiva chegava a 2 toneladas por dia, já com três tipos de farinhas, e atendia o consumo na Serra, hoje, são 1,2 mil toneladas por dia, com mais de 300 itens fabricados com a moagem do trigo.

A Orquídea se destaca em farinha de trigo, massas e misturas para bolos. A próxima frente, na qual a empresa tem investido R\$ 200 milhões desde o ano passado até 2024, é para ganhar lugares importantes no mercado de

biscoitos. A meta é, até 2025, ter capacidade para produzir 4 mil toneladas diárias de biscoitos em Caxias do Sul, e chegar a um faturamento de R\$ 1,7 bilhão. “Claro que o mercado do Sudeste é importante, e está lá o principal foco consumidor do País, mas aqui no Estado ainda temos muitas oportunidades para serem exploradas, como no caso dos biscoitos”, aponta Tondo.

Hoje a empresa tem 15% da sua produção de biscoitos dedicada a outras marcas, mas projeta o fortalecimento da marca própria, em um processo semelhante ao que aconteceu com as massas, há 15 anos.

Entre os biscoitos, porém, a concorrência é dura na Serra. A liderança na venda de biscoitos e bolachas na Região Sul é da Isabela, que opera o seu moinho, com 1.022 funcionários, em Bento Gonçalves. Dali, saem mais de 70 produtos entre massas e biscoitos.

“É uma marca consolidada, e que mantém o objetivo de estar sempre presente nas mesas do consumidor do Sul. Historicamente, a Isabela lidera as vendas de massas no Rio Grande do Sul, agora, estamos direcionando a maior parte dos investimentos para o incremento da produção de biscoitos cobertos com chocolates”, aponta o gerente industrial da fábrica de Bento Gonçalves, Roberto José Posamai.

Criado em 1954, o moinho, desde 2003, faz parte do grupo nordestino M. Dias Branco. A cada dia, são produzidas 180 toneladas de massas e 300 toneladas de biscoitos.

A produção de farinhas na Serra tem ainda no Moinho Vacaria a maior capacidade de armazenamento e beneficiamento de trigo do País. Neste caso, a prioridade, a partir da moagem, é a preparação de farinhas especiais para a panificação.

### Moinhos por municípios

- **Caxias do Sul** (Orquídea)
- **Vacaria** (Moinhos Vacaria)
- **Antônio Prado** (Moinhos do Nordeste)
- **Bento Gonçalves** (Isabela)

Fonte: Abitrigo

## Agronegócio

Vacaria é referência  
no cultivo de maçãs

**Quase 90% das exportações do município dos Campos de Cima da Serra são da comercialização da fruta**

Eduardo Torres

Nos Campos de Cima da Serra, Vacaria é a referência no cultivo de maçãs. Quase 90% de todas as exportações do município, que ocupa a 57ª posição entre os maiores exportadores gaúchos, é de maçãs, peras e marmelos. “É o último rincão de resistência na produção da maçã. Em todo o Estado, são 370 produtores, sendo 330 na região de Vacaria. Temos potencial produtivo muito grande, passamos de 1 milhão de toneladas da fruta no mercado nacional, agora nosso desafio é melhorarmos a imagem da maçã gaúcha e o alcance no exterior. O ideal é conseguirmos exportar mais do que 10% do que vendemos no Brasil”, diz o presidente da Associação Gaúcha de Produtores de Maçã (Agapomi), José Sozo.

A última safra do País resultou em 501,9 mil toneladas de maçãs, sendo 338 mil toneladas, ou 67,3%, de produção gaúcha. Entre os 14,4 mil hectares cultivados neste ano no Rio Grande do Sul, Vacaria e Bom Jesus concentraram 8,5 mil hectares. O



AGAPOMI/DIVULGAÇÃO/JC

Rio Grande do Sul tem 370 produtores de maçã, sendo 330 em Vacaria

processo de refrigeração das frutas para a venda também é concentrado nos Campos de Cima da Serra, onde estão 73% dessas estruturas. “A gala, principal cultivar da região, é muito desejada no mercado. E tem sido sinônimo do desenvolvimento de Vacaria. Em 20 anos, o orçamento do município triplicou”, comenta Sozo. Não à toa, Vacaria tem o maior VAB Agrícola das regiões retratadas neste Mapa Econômico, e também o 2º maior no Estado.

A Serra e os Campos de Cima da Serra têm ainda destaque em cultivos como o do pêssego, com o domínio da produção da fruta de mesa, milho e feijão. E o mais curioso. Caxias do Sul, mesmo sendo um dos municípios mais

industrializados, é também o maior produtor de hortifrutigranjeiros. São mais de 50 culturas em propriedades familiares, que garantem 75% do abastecimento da Ceasa na Serra e 25% em Porto Alegre. São 21 mil hectares de cultivos, com a uva de mesa sendo a principal plantação.

### Municípios que se destacam na produção de maçãs

- Vacaria
- Bom Jesus
- Caxias do Sul
- São Francisco de Paula
- Monte Alegre dos Campos

Fonte: Agapomi

## Conservas Oderich e o pioneirismo nos enlatados

Ao longo deste ano, a Oderich, de São Sebastião do Caí, investe R\$ 45 milhões para avançar no mercado nacional de conservas. Faz aportes, principalmente, no desenvolvimento de novas embalagens exclusivas, que vão além da linha dos sachês, por exemplo. A empresa dedica ainda recursos para uma nova tecnologia em defumadores de salsichas.

É que seguir apostando no fortalecimento da produção a partir do Vale do Caí, hoje, para o mundo, está no DNA da família que é pioneira não apenas entre os produtores de conservas no País, segmento no qual estão entre as preferências do consumidor da Região Sul e de todo o Brasil, mas da própria industrialização gaúcha.

“Hoje, nossa unidade em São Sebastião do Caí mantém a atividade que está nas nossas raízes, com produção dos itens de carne suína, bovina e de aves, entre enlatados e congelados. Além de patês, feijoada, maionese, catchup, mostarda e molhos. As salsichas, que durante anos foram o carro-chefe, hoje garantem em muito a nossa presença no exterior. Já exportamos para até 80 países, e hoje as vendas para o exterior respondem por 45% da nossa receita”, diz o CEO da empresa, Marcos Oderich.

Entre os 2,3 mil funcionários atuais da empresa, 1 mil

atuam em São Sebastião do Caí. As carnes e miudezas da Oderich representam 93% das exportações do município, que ocupa o 42º lugar entre as exportações das cidades gaúchas entre janeiro e setembro.

O auge das salsichas enlatadas, que chegaram a representar 80% das receitas da Oderich, passou. Vieram legumes e também doces em conserva. Um frigorífico próprio na Campanha garante o abastecimento à unidade do Caí. Assim como uma fábrica de latas própria, em Eldorado do Sul, garante a demanda da empresa e a venda para terceiros. Há ainda produção de legumes em Goiás e de conservas no Sul do Estado. Toda a produção é distribuída a partir de São Sebastião do Caí. “A Oderich tem hoje um papel muito importante no combate à fome e no fornecimento de alimentos em continentes que dependem do alimento enlatado, dos embutidos e congelados. Países da África, Oriente, Caribe e Leste Europeu foram mercados que descobrimos e nos estabelecemos nesses últimos 30 anos”, conta o CEO da empresa.

Da fábrica de São Sebastião do Caí saem, por exemplo, os kits de alimentos comprados pelas Forças Armadas brasileiras e de outros países para o fornecimento a refugiados e em zonas de guerra.

## Plantio da bergamota se destaca em municípios do Vale do Caí

Do vaporizador que refresca o ambiente na casa da família ao batom usado pela esposa, é a essência das bergamotas produzidas pelo agricultor Gustavo Viegas que mostram, a cada safra, o tamanho da eficiência desta produção. A venda dos frutos verdes para a elaboração de essências à indústria cosmética, que são processados por quatro empresas da região do Vale do Caí, já representa até 15% do

### Municípios que se destacam na produção de bergamotas

- Montenegro
- Pareci Novo
- São José do Sul
- Harmonia
- Veranópolis

faturamento da propriedade, em Montenegro, no Vale do Caí.

É que o cultivo de frutas, além das uvas, é uma das principais potencialidades das regiões deste Mapa Econômico do RS. Um potencial que, em 1996, estimulou, por exemplo, a Bom Princípio Alimentos a industrializar o que se produz na região. A empresa, que hoje tem fábrica com 14 mil metros quadrados em Tupandi, e pretende investir na sua ampliação a partir de 2024, emprega 270 pessoas. A produção começou com a venda de geleias, chimias e recheios à base de frutas, e hoje inclui conservas, laticínios e chocolates.

Viegas herdou a produção do pai e do avô, que começaram a plantar bergamotas nos anos 1980, e hoje ele cultiva 17

hectares. Neste ano, a produção chega a 198 toneladas de bergamotas colhidas. Desde 2006, ele é um dos fornecedores da Ceasa, em Porto Alegre. “O cultivo da bergamota é muito favorecido aqui em Montenegro e no Vale do Caí. A terra é mais argilosa, o relevo ajuda e a logística é favorável. O mercado prefere nossa bergamota em relação a outros estados brasileiros, porque tem mais sabor e coloração. É uma cultura que herdei e, quem sabe, minhas filhas, que ainda são pequenas, vão levar adiante.”

No município que neste ano cultivou 3,3 mil hectares, um quarto da produção de todo o Estado, foram colhidas 54 mil toneladas de bergamotas em 2023. Um potencial que é estimulado pelo governo local, com

aportes para estoque, terraplanagem e equipamentos para abertura de açudes. Investimentos que Viegas não abre mão na sua propriedade. “Fizemos um açude em 2019, adquirimos maquinário e, posso dizer, saímos fortalecidos depois de três anos de estiagem no Estado. De uma perda que ficaria em torno de 40% da produção, conseguimos ter crescimento de 15%. Com o aumento da capacidade hídrica, agora avançando, tenho aumentado a produtividade das plantas”, explica o produtor.

A liderança no mercado das frutas também é observada perto dali, em Bom Princípio. Em um universo de 143 produtores, o município cultivou 1,2 milhão de plantas de morangos neste ano, 15% acima de 2022.

### Outros cultivos importantes na região

#### Produção de pêssegos

- Pinto Bandeira
- Farroupilha
- Caxias do Sul
- Antônio Prado
- Campestre da Serra

#### Produção de milho

- Vacaria
- Muitos Capões
- Bom Jesus
- Esmeralda
- Caxias do Sul

#### Produção de feijão

- Muitos Capões
- Vacaria
- Bom Jesus
- Esmeralda
- Monte Alegre dos Campos

Fonte: Secretaria da Agricultura

Combustíveis

# Veranópolis é pioneira na produção de biodiesel no RS

**Oleoplan começou a produzir o biocombustível no ano de 2007**

As regiões da Serra e Campos de Cima da Serra não figuram entre as principais áreas produtoras de soja do Rio Grande do Sul. Na safra de 2022, somente Vacaria e Muitos Capões estavam presentes entre os 30 principais produtores do Estado, com 109 mil hectares plantados e 267,7 mil toneladas colhidas.

No entanto, Veranópolis tem

um papel de protagonismo na evolução da importância econômica do grão para a economia gaúcha. Em 2007, foi no município da Serra que a Oleoplan inaugurou a primeira planta de produção de biocombustível do Rio Grande do Sul.

“A empresa sempre teve como princípio, desde 1979, quando iniciou as operações no processamento de soja, especialmente na produção de óleo, agregar valor ao produto local. Dois anos antes da inauguração da planta, logo que o País passou



Fábrica na Serra, com capacidade para produzir 1,3 milhão de litros de biodiesel/dia, emprega 650 pessoas

a considerar a legislação do uso do biodiesel para complementar os combustíveis no transporte brasileiro, já estávamos prontos para essa evolução”, conta o diretor de relações institucionais da Oleoplan, Leonardo Zillio.

Hoje a empresa também opera no terminal hidroviário de Canoas e processa biodiesel

também em outra unidade, na Bahia. Em Veranópolis, emprega 650 pessoas, transformando 100% do óleo produzido em biodiesel. Com uma capacidade de esmagamento de 2,5 mil toneladas diárias de soja, a empresa processa 1,3 milhão de litros diários de biodiesel.

A produção de derivados de

soja da Oleoplan garante 75% de tudo o que é exportado por Veranópolis, que é o 45º município exportador do Rio Grande do Sul entre janeiro e setembro deste ano.

Em 2022, a empresa recebeu seu primeiro certificado para exportar o combustível produzido na Serra Gaúcha.

## A tradicional culinária da imigração italiana da Serra Gaúcha

Cada prato é uma homenagem à autenticidade da gastronomia que herdamos dos nonnos e das nonnas, onde o artesanal recebe todo cuidado e dá vida a sabores genuínos.

Na nossa mesa, as refeições são mais do que apenas uma experiência gastronômica, são uma celebração de nossa herança e uma expressão de carinho por cada ingrediente.

Já são três décadas aprimorando receitas que são passadas de geração em geração e sempre carregando o frescor da natureza com um padrão de qualidade nos produtos frescos, diretamente de produtores para fazer uma cozinha viva.



RS  
Bento Gonçalves  
Caxias do Sul  
Garibaldi  
Gramado  
Novo Hamburgo  
Porto Alegre  
Recanto Maestro

PR  
Curitiba  
SC  
Itapema

SP  
Shopping Lar Center  
Vila Olímpia  
Pinheiros  
S. José dos Campos  
Sorocaba

## Serviços

## A indústria bilionária do turismo nas Hortênsias

**Gramado e Canela formam o segundo principal destino turístico do Brasil; Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves, também cresce**

Eduardo Torres

O turismo entre a Serra, as Hortênsias e o Paranhana tem em todas as suas formas – da aventura, ao entretenimento, até os eventos e negócios – uma das principais oportunidades na economia regional.

O maior expoente é a região de Gramado e Canela, que se consolida como o segundo principal destino no Brasil, com 9 milhões de visitantes por ano – 100 vezes mais do que os 90 mil habitantes somados dos dois municípios –, que movimentam pelo menos R\$ 1,5 bilhão ao ano. Em Gramado, o turismo responde por 86% da economia local, e em Canela, 73%.

Dados do Observatório do Turismo, da Secretaria Estadual do Turismo (Setur), apontam que

somente a região turística das Hortênsias responde por 1,1% do PIB do Rio Grande do Sul.

Nos últimos anos, houve a atração de megainvestimentos, sobretudo em parques e hotéis temáticos, que hoje chegam a 37. O resultado foi uma transformação na característica do turismo local, passando da contemplação, em roteiros geralmente consumidos por casais, para o destino de famílias do Brasil e do mundo. Conforme o Sindicato da Hotelaria, Restaurantes, Bares e Similares da Região das Hortênsias (Sindtur), no ano passado, 8 mil norte-americanos e 5 mil alemães estiveram na região.

“Os parques têm um papel importante no aumento do período de permanência do turista. Sem dúvida, jogou a qualidade para cima, mas criou o desafio de conseguirmos aumentar a demanda na velocidade com que a oferta tem crescido”, aponta o presidente do Sindtur, Cláudio Souza. São pelo menos 270 hotéis, e uma oferta de 27 mil leitos em Gramado. Em Canela, de

acordo com a prefeitura, há 10 novos hotéis em construção.

“O atendimento em Gramado é acolhedor, e isso não é um clichê. É algo que fazemos questão de levar para onde vamos, porque é nato dessa região”, diz o gerente de novos negócios da Laghetto, Luis Paulo Dyundi.

Originário, e com a sua administração toda mantida em Gramado, a Laghetto conta com uma rede de 23 hotéis, 14 deles entre Gramado e Canela. Nos próximos quatro anos, serão outros 10 estabelecimentos com a marca Laghetto. Atualmente, 1,2 mil pessoas trabalham na rede, 5% com mais de 10 anos de casa.

“Valorizar essa ‘prata da casa’ é fundamental para consolidarmos justamente o jeito de fazer turismo da Serra Gaúcha. Por exemplo, o café da manhã aqui é diferenciado. Quando chegamos em outros lugares, mais voltados ao corporativo, isso é visto como uma novidade que garante a fidelidade deste consumidor”, explica Dyundi.



Impulsionada pelo fluxo de turistas, Canela registra crescimento

## Mapa do Turismo

■ Roteiros de lazer e cultura

(Gramado, Canela, Nova Petrópolis, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Garibaldi, Flores da Cunha)

■ Roteiros de aventura (Três Coroas, Cambará do Sul, Canela)

■ Roteiros de feiras e eventos (Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Gramado, Taquara)

De acordo com Cláudio Souza, porém, há um desafio real para o setor. “Estamos com um sério risco de cairmos na vala comum de lugares que tinham vocação turística e, depois de criarem uma bolha, não deram certo. Se o poder público não frear, por exemplo, a liberação de empreendimentos entre 500 e mil apartamentos, há risco de empobrecer a cadeia”, aponta o presidente do Sindtur.

Mesmo que a região das Hortênsias tenha 20% dos empregos locais relacionados ao turismo – 70% deles em Gramado –, que representam 8% de toda a mão de obra no setor no Estado, há hoje, como alerta Souza, mil vagas de emprego abertas e sem mão de obra suficiente ou

qualificada para ocupar.

O crescimento da região como polo turístico extrapola aquele cenário de visitantes ocasionais. Gramado e Canela foram os municípios com maior taxa de crescimento populacional entre 2010 e 2022, conforme o Censo, alta de 24% neste período.

## Eventos de negócios são oportunidades e desafios

Maior feira de inovação industrial da América Latina, a Mercopar, em Caxias do Sul, teve recordes neste ano, com 39,5 mil visitantes e R\$ 563 milhões em negócios.

A preocupação em valorizar ainda mais os eventos, permitindo que cresçam, ao mesmo tempo que se mantenham sendo realizados na Serra Gaúcha, foi uma das falas convergentes entre painelistas que participaram de debate do Mapa Econômico do RS, realizado pelo Jornal do Comércio no dia 24 de outubro, em Caxias do Sul.

Potencializar o turismo relacionado aos negócios, feiras e eventos é o mais novo nicho que ganha corpo na Serra. Conforme o Observatório do Turismo estadual, 74% dos visitantes de eventos no Rio Grande do Sul relatam a vontade de estender sua estadia para conhecer o local e as suas atrações. O desafio, como indica a executiva da Embratur, Vanize Schuler, é garantir que os eventos estejam aqui com as melhores

condições, ao avaliar a cidade que tem o segundo maior polo metalmeccânico do Brasil. “O turismo de negócios impulsiona a economia local.”

Com eventos como a Festa da Uva e a Mercopar consolidados no calendário, Caxias do Sul conta hoje com 3,2 mil leitos na rede hoteleira, e o turismo de negócios movimenta em torno de 80% do setor.

A referência de como aproveitar melhor essa oportunidade vem de Bento Gonçalves. Com eventos como Expobento, Movelsul, Fiemma e Fimma, Bento Gonçalves agrega ainda o potencial dos vinhedos aos seus roteiros. Em 2022, o município recebeu o recorde de 1,7 milhão de visitantes.

De acordo com Tarcísio Michelin, proprietário dos Hotéis Dall’Onder, somente entre os três hotéis de Bento Gonçalves e um em Garibaldi, a rede já tem o turismo de negócios e eventos como 40% das suas receitas. Michelin é um dos líderes do projeto de qualificar

a área da Fundação Parque de Eventos de Bento Gonçalves, para que o local tenha um centro de convenções climatizado e moderno para 4 mil pessoas.

O Observatório do Turismo mapeou, em 2022, 55 centros de convenções no Estado em condições para receber eventos de médio e grande porte. São oito na chamada região da Uva e do Vinho, três na Região das Hortênsias e dois no Vale do Paranhana.

De acordo com Michelin, trata-se de mais uma etapa de evolução no movimento liderado por ele no começo dos anos 1980, quando retomou o potencial turístico da Serra. Na época, havia apenas três hotéis, oito vinícolas e 30 restaurantes em Bento Gonçalves, com apenas cinco eventos no ano. “Foi uma transformação cultural que construímos. Hoje, são 40 atrações com uma cadeia formada por 52 hotéis, 80 vinícolas qualificadas e reconhecidas internacionalmente e 330 restaurantes”, valoriza.

## Hortênsias e Vale do Paranhana apostam nos roteiros de aventura

A cascata do Parque do Caracol é imagem garantida nos cartões postais de Canela. A cada ano, o parque, que completa 50 anos em 2023, recebe 350 mil visitantes. O desafio é tornar cada vez mais este roteiro uma experiência relacionada ao turismo de aventura e contato com a natureza do que à simples contemplação da queda d’água de 131 metros. Neste ano, o Parque do Caracol, assim como o Parque Estadual Tainhas, entre os municípios de Jaquirana, São Francisco de Paula e Cambará do Sul, na Região das Hortênsias e com acesso restrito aos pesquisadores, passou a ser gerido pelo Consórcio Novo Caracol Tainhas. Até 2028, estão previstos R\$ 7 milhões em investimentos para melhorias. A prioridade, de acordo com o gerente do Parque do Caracol, Rafael Silveira, é revitalizar e inovar em mirantes, trilhas e experiências que aumentem a imersão do visitante naquele ambiente.

Na mesma região, a Urbia Cânions Verdes, que assumiu em 2021 a gestão dos parques nacionais dos Aparados da Serra e da Serra Geral, com a principal entrada por Cambará do Sul, recebeu investimentos que chegaram a R\$ 44 milhões entre 2022 e 2023. Sobre o cânion Fortaleza, por exemplo, agora o turista consegue vivenciar um balanço infinito diante de um paredão de 800 metros. No primeiro ano da concessão, porém, o número de turistas caiu de 200 mil para 100 mil. A perspectiva, após a concretização das melhorias estruturais, é chegar a 600 mil visitantes por ano.

Descendo a Serra, o turista tem no Vale do Paranhana atividades como a tirolesa, stand up, arvorismo, rapel e o rafting nas corredeiras do Rio Paranhana, tendo Três Coroas como base. Criada em 1993, a empresa Raft Adventure, focada no setor, contabiliza aproximadamente 200 mil clientes atendidos.

Infraestrutura

# Serra demanda novo aeroporto, porto no Litoral e melhores rodovias

**Logística é apontada como gargalo ao desenvolvimento; concessão deve melhorar condições de estradas**

Se no começo da década de 1950 a força produtiva da Serra fez a diferença no País ao aproveitar a oportunidade que se apresentava, com as melhorias de infraestrutura em estradas no Rio Grande do Sul, agora, a mobilização é para garantir a quem produz na região um diferencial logístico pelo ar, com o projeto do aeroporto de Vila Oliva.

“Caxias do Sul é muito boa dos seus limites para dentro, mas quando dependemos da logística, há um grave gargalo. O custo logístico para quem produz aqui chega a ser 15% maior. Termos um aeroporto para cargas será uma mudança para a cidade e região”, diz o secretário de Desenvolvimento Econômico de Caxias do Sul, Elvio Gianni.

A expectativa é elaborar o edital para o início das obras, com investimentos previstos de até R\$ 200 milhões, no final deste ano. A partir do momento em que a contratação for feita, serão três anos de empreitada.

Caxias já tem um dos principais aeroportos regionais gaúchos. Em 2022, foram 221,4 mil passageiros, alta de 131,2% em relação ao ano anterior. No entanto, o atual aeroporto não permite o transporte de cargas.

O município já fez as desapropriações de 445,5 hectares para o novo aeroporto, e aguarda análise do projeto pelas autoridades aviárias.

Juntamente com o aeroporto, o projeto prevê construções de nova ponte para ligar Caxias do Sul a Gramado, uma nova rota a São Marcos e um novo acesso à zona urbana de Caxias.

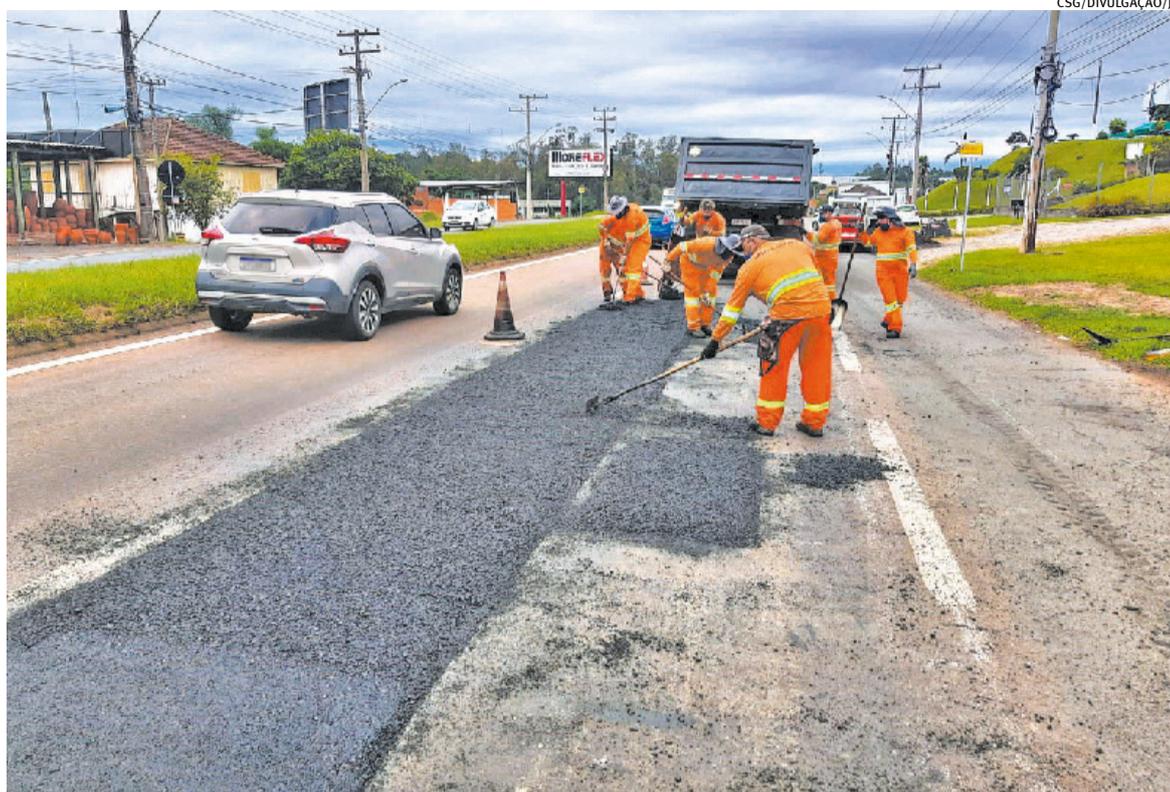
Entidades empresariais da região também participam das discussões para um novo porto no Litoral Norte, em Arroio do Sal, que encurtará o caminho em relação a Rio Grande ou Santa Catarina para as exportações.

Entre os novos modais, a comunidade de Vacaria tem participação importante para viabilizar a construção de um terminal rododiferroviário no município, a partir de um dos ramais do sistema de trens que passa pela região.

O projeto é apontado como aliado não apenas para escoar a produção, mas como ponto chave para reduzir custos no transporte de insumos para a indústria e o agro da Serra e do Norte.

Do ponto de vista rodoviário, a principal medida adotada, e já em execução, para reduzir perdas logísticas é a concessão do polo rodoviário da Serra e Vale do Caí. Conforme a Concessionária Caminhos da Serra Gaúcha (CSG), no primeiro ano de concessão são previstos R\$ 250 milhões. No entanto, obras estruturais só iniciam em 2024. Em 30 anos, o contrato prevê 119,4 quilômetros de rodovias duplicadas e outros 55,7 quilômetros para receberem uma terceira faixa.

De acordo com o diretor executivo da CSG, Paulo Negreiros, os dois primeiros trechos crônicos a receberem as obras mais significativas serão os pouco mais de 10 quilômetros



Concessão de estradas da Serra deve duplicar caminho até a Capital, mas serviços ainda são pontuais



Maquete eletrônica mostra como será futuro aeroporto em Caxias do Sul, com transporte de cargas

da ERS-122 ao redor de Caxias do Sul e outros 18 quilômetros da RSC-453, entre Farroupilha e Bento Gonçalves. As duas obras de duplicação, com investimento previsto de R\$ 600 milhões, devem ser finalizadas já em 2025.

“Neste primeiro ano, já estamos transformando as condições de rodagem em todas as rodovias concedidas, e certamente já fará diferença no transporte”, aponta Negreiros.

Além da RS-122 e da RSC-453, a concessão inclui as ERSs 240 e 446 e trecho da BR-470.

## As soluções logísticas para a região

■ **Aeroporto de Vila Oliva**, em Caxias do Sul, representará a alternativa para o transporte de cargas aéreo.

■ **Terminal Rododiferroviário, em Vacaria**, representará uma alternativa para o recebimento de suprimentos à produção industrial da Serra, vindos de outras regiões do Brasil.

■ **Concessão de rodovias da Serra e Vale do Caí**, assumida neste ano pelo CSG, prevê, em

30 anos, 119,4 quilômetros de estradas duplicadas na região, entre as ERSs 122, 240 e 446, a RSC-453 e um trecho da BR-470.

■ **Finalização da Estrada Bioceânica**, com recursos previsto pelo novo PAC, ligando, pela BR-285, São José dos Ausentes a Araranguá (SC).

■ **Construção de um novo porto no Litoral** Norte gaúcho, em Arroio do Sal.

## Conexão entre São José dos Ausentes e Araranguá (SC) está prevista no PAC

Não faz parte da concessão de rodovias para a Concessionária Caminhos da Serra Gaúcha (CSG) a antiga demanda pela duplicação da BR-116 entre Caxias do Sul e Vacaria. A estrada tampouco está na lista de pacotes de investimentos

próximos do poder público.

No entanto, a primeira fase do novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) incluiu uma obra que promete acabar com uma “rua sem saída” especialmente para os produtores de maçãs dos Campos

de Cima da Serra.

Está orçada em mais de R\$ 70 milhões a finalização da pavimentação de pouco mais de 8 quilômetros da BR-285, a Estrada Bioceânica, em São José dos Ausentes, na divisa com Santa Catarina, além da

construção de uma ponte de 400 metros sobre o Rio das Antas. A rodovia terá pista simples e vai conectar a região, e também o Norte e Noroeste gaúcho, à BR-101, em Araranguá, no lado catarinense.

Hoje, os produtores de

maçã enviam o produto refrigerado por 600 quilômetros de rodovia até o Porto de Rio Grande ou para o Porto de Itajaí, também a 600 quilômetros de Vacaria. Com a concretização dessa obra, o porto de Imbituba torna-se uma alternativa.

No Mapa  
Econômico e Social  
do RS, o caminho  
é a **Indústria.**

 **São  
50 mil**

fábricas em atividade  
no Rio Grande do Sul

 **São  
800 mil**

peças empregadas  
diretamente

 **O futuro passa  
pela Indústria**



**ONDE TEM GENTE, TEM INDÚSTRIA.**

**FIERGS**

 [fiergs.org.br](http://fiergs.org.br)